Um guia para criar uma Cat Friendly Clinic

isfm

Cat Friendly Clinic

Boehringer Ingelheim · Ceva · IDEXX · ROYAL CANIN · zoetis

www.icatcare.org/veterinary/

www.icatcare.org

International Society of Feline Medicine
www.icatcare.org/vets

www.boehringer- ingelheim.com

www.ceva.com

www.idexx.com

www.zoetis.com

www.royalcanin.com

www.catfriendlyclinic.org

O que é a ISFM?

A International Society of Feline Medicine (ISFM) é a divisão veterinária da International Cat Care, uma organização internacional sem fins lucrativos para profissionais de medicina veterinária com interesse pela área da saúde e bem-estar felino. A ISFM destina-se a todos os veterinários que trabalham com gatos e estão focados em prestar informações práticas, ajuda e apoio. Os membros veterinários da ISFM (visite www.icatcare.org/veterinary/isfm/vet-membership/) atualmente recebem:

- A nossa revista mensal *Journal of Feline Medicine and Surgery* (*JFMS)* (disponível na versão impressa e para download integral em formato PDF)
- Acesso a um fórum online para discussão clínica entre pares
- Um webinar clínico mensal
- Descontos num vasto leque de conferências, atividades e materiais

A ISFM dispõe de uma filiação em separado para enfermeiros e técnicos veterinários (ver www.icatcare.org/veterinary/isfm/nurse-membership/), disponibilizada gratuitamente. Os enfermeiros e técnicos veterinários recebem uma publicação online dedicada, a Feline Focus, e webinars mensais, entre outros benefícios.

A International Cat Care é uma instituição de beneficência dedicada a melhorar a saúde e o bem-estar dos gatos, garantindo que todos os gatos (com ou sem dono) são tratados com carinho, compaixão e compreensão. A International Cat Care colabora com a profissão veterinária (através da ISFM), com donos e cuidadores de gatos e também com quem cuida de gatos sem dono.

Cat Friendly Clinic é um programa concebido e desenvolvido pela ISFM e gerido por esta com o generoso apoio dos nossos parceiros comerciais: Boehringer Ingelheim, Ceva, Elanco, Idexx, Royal Canin e Zoetis.

Parceiros oficiais do programa **Cat Friendly Clinic** da ISFM

Introdução - Vantagens para todos!

No seio da profissão de veterinária, os gatos estão a assumir uma importância cada vez maior. O número de gatos domésticos há muitos anos que tem vindo a aumentar na maioria dos países e, em muitos deles, excede agora largamente a população de cães de estimação.

Apesar desta crescente popularidade, os gatos continuam a ser significantemente sub-representados enquanto pacientes na maioria das clínicas veterinárias para animais de pequeno porte. As razões por detrás desta tendência são complexas, variando consoante diferentes situações, e há aspetos que são ainda mal compreendidos. No entanto, um tema comum e recorrente que ajuda a explicar porque é que muitos gatos recebem menos cuidados veterinários do que os cães é o stress vivido pelos gatos e respetivos donos quando visitam uma clínica veterinária. Se parar e olhar para a questão na perspetiva de um dono, é frequentemente uma experiência muito desafiante. Primeiro, é preciso apanhar o gato e transportá-lo até à clínica, o que só por si já é não é tarefa fácil para a maioria dos donos. Mas depois o gato chega à clínica veterinária...

- Como são tratados o gato e o cliente?
- Como é que a clínica demonstra que compreende as necessidades únicas dos gatos e respetivos donos?
- Está preparada para ter uma área de espera separada para gatos ou horas de marcação em separado?

- O gato é tratado de forma carinhosa e respeitosa que demonstra ao dono que o pessoal compreende e tem empatia por gatos?
- São aplicados procedimentos que ajudam verdadeiramente a tranquilizar o gato e reduzir os níveis de stress?

Não restam dúvidas, a partir das provas recolhidas e dos dados publicados, que o stress sentido pelo dono e pelo gato estão entre os motivos principais pelos quais os donos não procuram mais cuidados veterinários para o seu gato, especialmente em relação aos cuidados de saúde preventivos, como consultas de rotina, ou quando surgem os primeiros sinais de doença.

Bem-vindo ao programa de acreditação Cat Friendly Clinic da ISFM. Este é um programa internacional destinado a clínicas veterinárias em todo o mundo (à exceção do continente americano, onde o programa é gerido pela American Association of Feline Practitioners sob a denominação Cat Friendly Practice) que oferece uma nova oportunidade única para adotarem um pensamento diferente – para "pensarem como um gato" e alterarem o seu etos, procedimentos, equipamento e instalações, sempre que necessário, por forma a permitirem que a clínica demonstre de forma clara as suas credenciais de amiga dos gatos aos atuais e novos clientes. Este programa pode ajudá-lo a transformar o modo como a sua clínica aborda a gestão dos gatos e respetivos donos. Não seria gratificante se os seus clientes donos de felinos saíssem a pensar o quão positiva foi a experiência e o quão compreensivo foi o pessoal, em vez de temerem a próxima visita?

Este programa incentiva a sua clínica a ser amiga dos gatos, mostra-lhe como consegui-lo, explica os benefícios clínicos e comerciais de ser amigo dos gatos e oferece às clínicas recomendações claras, compreensíveis e fáceis de adotar. O programa Cat Friendly Clinic (CFC) da ISFM foi concebido com diferentes níveis para que a acreditação possa ser obtida pela maioria das clínicas para animais de pequeno porte, caso exista a motivação e o desejo de fazer as mudanças adequadas.

Bem-vindo a um mundo mais amigo dos gatos...

Um guia para criar uma Cat Friendly Clinic

Índice

1. O potencial para a sua clínica
2. Os gatos enquanto pacientes
3. Uma Cat Friendly Clinic da ISFM

Kodak COLDLIGHT ILLUMINATOR MODEL 3

1. O potencial para a sua clínica

Todos sabemos que os gatos são diferentes dos cães, mas esquecemo-nos por vezes de que todo o processo de domesticação do gato evoluiu de forma muito mais lenta e se baseou em grande medida numa associação partilhada, mas independente, entre ambas as espécies. Não admira que os gatos sejam vistos como animais mais autossuficientes do que os cães e que escolham quando se querem associar aos humanos e quando manter a distância.

Regra geral, os gatos tentam ocultar toda e qualquer forma de fraqueza ou dor. Em virtude disso, ficámos mais dependentes, nas clínicas veterinárias, das observações e das informações prestadas pelo dono do gato para termos uma perspetiva do que está a passar com um paciente felino. Muitas vezes, os donos apercebem-se de mudanças subtis no comportamento dos seus gatos e, na maioria dos casos, aceitam bem que se lhes peça para participarem na gestão da saúde ou da doença do seu animal de estimação. Ao contrário dos cães, muitos gatos não custam nada a arranjar aos donos, mas isso não diminui a força dos laços que existem entre o gato e o dono.

Com efeito, muita gente prefere passar o tempo com o seu gato do que com outras pessoas, e muitos adquirem o gato expressamente para terem companhia.

Neste capítulo:

- Tendências para ter um gato
- Diferentes níveis de cuidados com os gatos
- Os gatos trazem negócio
- Fazer com que clientes com gatos visitem e regressem

Tendências para ter um gato

Em muitos países, o perfil do dono de um gato mostra que a maioria é do sexo feminino e tem entre 30 e 45 anos. Nessa fase da vida, a família e a carreira são as pressões dominantes e as vidas são geralmente muito atarefadas. A natureza mais independente e autossuficiente do gato faz com que seja muito apetecível como animal de estimação. Além disso, em resultado dos estilos de vida modernos e das tendências no emprego, é reconhecido que ter um cão é muitas vezes mais difícil, tanto para famílias como para indivíduos sozinhos.

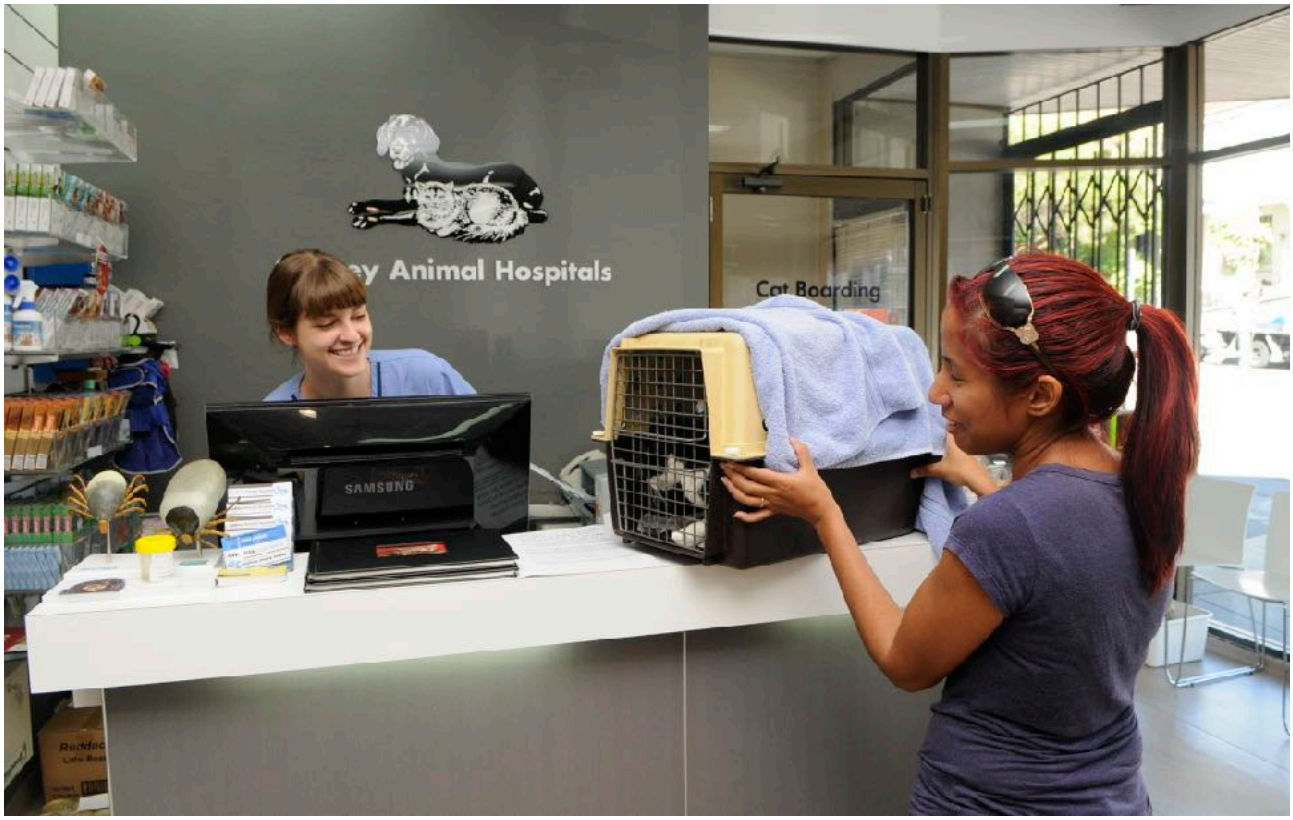
O tempo de vida típico de um gato é atualmente de 12 a 15 anos ou mais, com um número crescente de animais a viver até aos 16 ou mais anos. Então, não só temos mais gatos como animais de estimação, como eles vivem mais anos em lares onde são bem cuidados. Sem dúvida que o número crescente e as alterações no estilo e na expetativa em torno da posse de um gato representam uma oportunidade real para as clínicas veterinárias de todo o mundo. A clínica veterinária pode ter um papel importante a desempenhar para tornar as vidas dos gatos mais saudáveis, felizes e longas, e existe uma oportunidade real para ajudar criar um laço muito forte entre o dono e a clínica.

Diferentes níveis de cuidados com os gatos

Tanto quanto se sabe, julga-se que a maioria dos donos considera ser dedicada ao seu gato, mas pode precisar de um incentivo para ir ao veterinário, especialmente para a prestação de cuidados preventivos. Eles sabem perfeitamente o que é preciso e porquê, mas precisam de uma motivação maior para ultrapassarem a inércia, as interrupções do dia a dia ou a antecipação do stress e das dificuldades de uma ida ao veterinário. Todos reconhecemos – talvez até em nós mesmos – o dono do gato bem-intencionado, mas com outras distrações, que pretende fazer tudo corretamente, mas cuja rotina diária o impede. Fazer da visita à clínica uma experiência menos stressante e mais positiva contribuirá largamente para ajudar a ultrapassar as barreiras e a resistência.

A grande e rentável fatia da sociedade que tem gatos e se preocupa com eles poderia ajudar os veterinários a desenvolverem e aumentarem as clínicas, caso fosse motivada para participar na gestão da saúde e do bem-estar dos seus felinos.

Muitos gatos nunca veem um veterinário. Muitos dos donos de gatinhos vão à clínica fazer a vacinação inicial, a castração, mas depois desaparecem, nunca mais voltam, a menos que o gato fique gravemente doente. Em alguns casos, isso poderá dever-se à ignorância do que ser um dono responsável de um animal de estimação implica e, para outros, poderá ser simplesmente uma questão de falta de dedicação. Outros ainda são demovidos pela dificuldade (ou a sua antecipação) de levar o gato à clínica, talvez o medo de ter de o segurar para ser examinado, e ser confrontado com um ambiente hostil para o gato.



Os gatos trazem negócio

A importância dos gatos para qualquer clínica de animais de pequeno porte não pode ser ignorada, pois há imensos gatos por aí! Apesar de muitos felinos não serem animais com pedigree, com a abordagem certa, a maioria dos donos está preparada para gastar tanto com os seus felinos como os donos de cães com os seus amigos caninos. A maioria das pessoas que têm gatos, no entanto, tem ideias bem definidas sobre o que espera da clínica, e todos os clientes serão profundamente influenciados pela experiência que têm ao visitar a clínica. Há uma tendência crescente para os clientes irem a mais do que uma clínica, indicando que há motivos fortes para prestar os melhores e mais persuasivos cuidados aos clientes donos de gatos.

Há vários anos que os gastos anuais com felinos e os valores médios das transações continuam a aumentar em valores semelhantes em muitos países, mas muitos veterinários parecem continuar a ver os cães como a área de crescimento preferencial. Contudo, a realidade é que muitos países registam uma população canina estável ou em decréscimo e uma intolerância urbana crescente aos cães – estes fatores sugerem claramente que a posição dominante que os cães anteriormente detinham na geração de volume de negócio para as clínicas não se poderá manter. Dados de vários países demonstram ainda uma vontade crescente por parte dos donos de gatos em irem à clínica e uma vontade de gastar dinheiro com os cuidados de saúde dos seus animais. Por exemplo, no Reino Unido, os dados demonstram que os donos de gatos apresentam maiores probabilidades do que os donos de cães de comprar e utilizar alimentação adequada à idade dos

animais e têm maiores probabilidades de comprar e utilizar produtos de cuidados de saúde preventivos, como tratamentos para as pulgas e desparasitantes.

Tal como sucede com os humanos, a população felina está envelhecida, e quase metade dos gatos na maior parte da Europa e da América tem idade igual ou superior a 8 anos, com muitos gatos a viver bastante para além da média de 12 a 15 anos. Isto oferece oportunidades importantes aos veterinários para se envolverem ativamente na gestão da saúde destes pacientes e, nos países que reconhecem os enfermeiros veterinários, esses funcionários qualificados desempenham um papel vital na educação e aconselhamento prático, bem como na promoção dos muitos serviços que a clínica pode oferecer aos seus clientes que têm gatos.

A gestão e manutenção da saúde dos pacientes felinos constitui uma abordagem muito melhor ao desenvolvimento de relações produtivas de longo prazo com os clientes do que a mera realização de tratamentos urgentes limitados quando o gato adoece. Essa abordagem não só cuidará dos cuidados de saúde ao longo de toda a vida do gato, como se virá a revelar uma maneira muito melhor de maximizar o potencial de negócio da clínica com esses clientes.

Nem todos os donos agarrarão todas as oportunidades de seguirem um plano de cuidados de saúde recomendados. Apesar de alguns donos fazerem absolutamente tudo o que lhes for pedido, outros poderão fazê-lo de forma esporádica ou com relutância. Porém, quando a clínica demonstra, e os clientes compreendem, que podem genuinamente colaborar para ajudar a manter a saúde, o bem-estar e a

longevidade dos seus animais de estimação, a maioria dos donos está disposta a empenhar-se nessa proposta e discutir a forma de a alcançar.

Um passo fundamental passa por tornar a clínica realmente amiga dos gatos, incentivando assim os donos dos felinos a visitá-la, e dar depois resposta às necessidades particulares destes.

Fazer com que os clientes com gatos visitem a clínica e regressem

Como encorajar os donos de gatos a fazerem "o que está correto"? Como podem os veterinários garantir que os gatos que têm ao seu cuidado recebem os melhores cuidados de saúde ao longo das suas vidas? O que é preciso é uma parceria clara entre o veterinário e o dono do gato para a prestação de cuidados – acolhendo bem o gato na clínica e adotando um plano de cuidados de saúde efetivo. Uma tal parceria tem por objetivo criar uma plataforma clara para os veterinários e os donos poderem ambos garantir aos gatos uma vida longa, feliz e saudável e não apenas atender às doenças e emergências.

O programa **Cat Care *for* Life**, também desenvolvido pela ISFM com o apoio da Boehringer Ingelheim, IDEXX Laboratories e Royal Canin, oferece um "plano" para essa parceria, que tem por objetivo manter os gatos saudáveis ao longo das várias fases da vida (ver www.catcareforlife.org para mais informações).

Ajudar os donos de gatos em todos os aspetos da visita à clínica, e conseguindo que se envolvam de modo mais efetivo, pode fazer uma enorme diferença em relação àquilo que estão preparados em matéria de cuidados preventivos. Quando a ISFM apresentou um programa e um concurso Cat Friendly Practice no Reino Unido, em 2006 e 2007, os resultados mostraram que um maior conhecimento e compreensão dos gatos traz dividendos reais, conforme ilustram as citações de clínicas participantes:

> *"Há uma maior predisposição para participar nos cuidados de saúde proativos e preventivos. Isto resulta provavelmente da mudança na nossa abordagem – nós, em contrapartida, estamos mais proativos na sua promoção junto dos clientes".*
>
> *"Compreendemos melhor as necessidades dos gatos; os nossos clientes sentem o nosso maior interesse e conhecimento. Sabemos que os clientes regulares que têm gatos falam com os amigos e recomendam-nos como uma clínica que é boa com os gatos".*

Tornar as clínicas mais "amigas dos gatos" é o primeiro passo, mas que é fundamental, para oferecer cuidados de saúde mais alargados aos gatos, daí o desenvolvimento do programa CFC. Este Guia dá algum contexto sobre o gato,

informações práticas detalhadas sobre a criação da clínica amiga dos gatos e explica como poderá candidatar-se para se tornar uma CFC acreditada pela ISFM. o que servirá para demonstrar aos seus clientes que têm gatos que a sua clínica faz realmente a diferença.

Num mercado cada vez mais competitivo, os gatos oferecem, sem dúvida, a via do futuro, ainda que isso exija dos veterinários que olhem de modo um pouco diferente para a medicina veterinária. A vasta e crescente dimensão dos mercados de retalho indica o enorme potencial ao alcance das clínicas veterinárias que estejam dispostas a colaborar com novos e ex-clientes ativos para desenvolver um esforço determinado para demonstrar que "os gatos trazem negócio".

2. Os gatos enquanto pacientes

O que é um gato? Porque se comporta da maneira que se comporta, porque parece por vezes ser mais difícil de lidar do que um cão e em que medida isto afeta aqueles que trabalham com gatos?

Neste capítulo, iremos explorar o comportamento dos gatos numa clínica veterinária, o modo como veterinários e enfermeiros podem prever esse comportamento, e olhamos ainda para o que os donos muitas vezes interpretam mal nos gatos. Nos gatos, o stress afeta não apenas a fiabilidade e a interpretação de muitos exames clínicos, como está também fortemente ligado a manifestações de doença e resposta ao tratamento. O ambiente doméstico do animal também poderá afetar os cuidados que os clínicos estão a tentar prestar.

Podemos definir um gato como:

- Um caçador obrigatoriamente carnívoro que apanha e come pequenas refeições regulares
- Territorial
- Fortemente afetado pelos cheiros e odores do seu ambiente
- Independente, emotivo e altamente consciente
- Muito influenciado pelas primeiras experiências

Se compreender o que motiva e molda o comportamento do gato, é mais fácil cuidar dele em diferentes circunstâncias, incluindo na clínica veterinária.

Um caçador obrigatoriamente carnívoro

O gato evoluiu em termos físicos e comportamentais como um especialista na caça de roedores e outras presas de pequeno porte. É um predador que está no topo da cadeia alimentar e caça guiando-se pela visão, som e cheiro da presa. Para ser um caçador bem-sucedido, o gato vai sondar o seu território (o seu território de caça) nas alturas em que a presa principal está ativa e vulnerável – habitualmente ao amanhecer e ao anoitecer. Sendo obrigatoriamente carnívoro, o gato é incapaz de sobreviver ou desenvolver-se sem um determinado número de nutrientes que se encontram apenas na carne.

O que significa isto para as clínicas veterinárias?

- Sendo predadores bem adaptados, os gatos são altamente eficientes a defenderem-se a si próprios contra ameaças detetadas. O risco de potencial infeção causada por dentadas e arranhaduras pode ser elevado, pelo que é importante evitar o conflito encontrando maneiras de reduzir o medo e a agressão defensiva.
- Poderão ocorrer desequilíbrios nutricionais com consequências graves ou fatais em gatos cujos donos lhes sirvam uma alimentação inadequada, como comida vegetariana ou de cão.
- As diferenças nas vias enzimáticas hepáticas tornam os gatos vulneráveis aos efeitos tóxicos de determinadas drogas ou substâncias químicas que não conseguem metabolizar de forma eficaz e que podem não ter um efeito semelhante nos cães.

Os clientes poderão não compreender que:

- Os gatos não podem ser vegetarianos, independentemente do desejo ou das convicções éticas do dono. Os donos devem compreender que, sendo obrigatoriamente carnívoros, os gatos têm necessidades alimentares únicas e muito especiais.
- As rigorosas exigências alimentares dos gatos são, com efeito, extremamente difíceis de satisfazer adequadamente com alimentos preparados em casa, e dar lhes alimentos comerciais de elevada qualidade (como a gama de comida para gato da Royal Canin - royalcanin.com) é a opção melhor e mais segura para satisfazer as suas necessidades.
- As diferentes fases da vida dos gatos têm necessidades nutricionais diferentes, e a melhor maneira de as satisfazer é através de alimentos concebidos exclusivamente para essas fases.
- Os gatinhos desenvolvem o comportamento de caça e ataque durante o crescimento. No entanto, se forem incentivados a brincar de forma agressiva ou a atacar mãos e pés durante a brincadeira, esse comportamento poderá manter-se na vida adulta, podendo resultar em lesões dolorosas e por vezes perigosas para o ser humano.

- Os gatos estão naturalmente ativos ao anoitecer e de madrugada (quando frequentemente acordam os donos a pedir interação ou comida).
- Os gatos podem por vezes levar presas para dentro de casa.
- Os gatos precisam de oportunidades/liberdade para brincarem que lhes permitam expressar os seus comportamentos de caça.

Feitos para apanharem e comerem pequenas refeições regulares

Para os gatos em estado selvagem, a alimentação é um comportamento puramente funcional e a caça e captura da presa é demorada. Em virtude disso, a natureza dos gatos está feita para ingerirem pequenas quantidades de comida ao longo do dia, e por vezes também da noite. Tipicamente, em estado selvagem, os gatos consomem entre 10 e 20 pequenas refeições ao longo de cada dia e, por isso, nem uma alimentação com refeições fixas nem o acesso constante a comida serão provavelmente o ideal.

A comida é o melhor recurso de sobrevivência dos gatos. Se puderem escolher, os gatos procuram, agarram e ingerem a sua presa de forma solitária e, à exceção das mães que proporcionam aos seus gatinhos oportunidades para aprenderem técnicas de lidar com as presas, o processo de alimentação não apresenta interação social – os gatos preferem comer sozinhos. A autorregulação da ingestão de comida pode ser perturbada nos gatos domésticos quer pela castração quer por serem mantidos num ambiente não natural com alteração dos hábitos alimentares.

Compreender o comportamento natural de beber também poderá ajudar a garantir que os gatos bebem o suficiente. No estado selvagem, os gatos ingerem presas com um teor de água relativamente elevado. Contudo, continua a ser necessária uma quantidade de água suplementar, e os gatos evitam geralmente beber água perto do local onde se alimentam, provavelmente para evitar água contaminada por carne em decomposição.

O que significa isto para as clínicas veterinárias?

- A obesidade pode ser causada ou agravada pelo desconhecimento dos donos dos hábitos alimentares dos felinos.
- Servir comida seca pode ter um impacto positivo na saúde dentária e permitirá maiores oportunidades de uma alimentação mais interativa.
- Os gatos que comem apenas comida seca ingerem um menor teor de água nos alimentos. Em determinadas doenças, é importante o aumento da ingestão de água, que pode ser auxiliado pela alimentação com comida húmida.

Os clientes poderão não compreender que:

- Aos contrário das pessoas, os gatos não estão idealmente adaptados a apenas uma ou duas grandes refeições por dia. Dar parte ou a totalidade do alimento sob a forma de ração seca oferece mais oportunidades de servir várias refeições pequenas e proporcionar interatividade escondendo a ração, utilizando comedouros interativos/bolas/brinquedos, etc. Isto acrescenta um estímulo valioso para o gato, para além de evitar refeições anormalmente grandes e pouco frequentes.
- Os gatos costumam comer uma pequena quantidade de comida e depois afastam-se, uma vez que naturalmente não ingerem grandes refeições. Se os gatos não comerem a comida toda, isso não tem necessariamente a ver com o sabor dela ou porque não estão bem. Substituir a comida por uma alternativa que o dono espera que seja mais saborosa começa habitualmente por resultar numa maior ingestão de alimento, pois os gatos são geralmente neofílicos (ou seja, gostam de alimentos novos), mas é frequente voltar o mesmo padrão. Este tipo de alimentação também pode conduzir à obesidade.
- Para os gatos, a alimentação não é um processo socialmente interativo. Comportamentos como roçarem-se nas pernas e vocalizações são, na realidade, sinais do início de uma interação social e não de que o gato está com fome. O gato pode aprender rapidamente que pode utilizar esses comportamentos para controlar a oferta de comida. Uma vez que os donos retiram prazer da interação com o seu gato, aumentam muitas vezes a quantidade de comida oferecida como forma de recompensar a interação social (ou simplesmente para manter o gato sossegado!). Isto pode facilmente levar ao risco de sobrealimentação e subsequente obesidade.
- Os gatos preferem comer sozinhos. Uma casa com muitos gatos precisa de ter muitos locais de alimentação para que cada gato possa aceder à comida

livremente, rapidamente e sozinho. A prontidão dos gatos de uma mesma casa em aparecerem em conjunto às horas das refeições é muitas vezes interpretado como um sinal de que se dão bem uns com os outros. Porém, o alimento é um recurso vital para a sobrevivência e, uma vez que o fornecimento de comida é controlado pelos donos, disponibilizando-a a determinadas horas e lugares, os gatos poderão ter de partilhar o espaço para terem acesso a ela. Os gatos podem suspender a hostilidade o tempo suficiente para comerem a sua refeição, mas o nível de tensão entre gatos poderá mesmo aumentar noutras ocasiões.

- A colocação da comida pode ser um aspeto importante – pô-la num canto pode dificultar o acesso; junto a uma porta gateira pode ser ameaçador porque outros fatos podem entrar; ao pé de uma porta de vidro pode fazer com que comam demasiado depressa para saírem de uma posição vulnerável; e junto a um eletrodoméstico barulhento pode ser demasiado ameaçador para o gato.

Territorial

Utilizamos com frequência o termo "território" de forma bastante vaga, mas em termos comportamentais, trata-se da área que um gato está preparado para defender. O território é ligeiramente mais pequeno do que a "área de vida", que é a área que o gato normalmente utiliza. Não são zonas fixas, que aumentam ou diminuem consoante as necessidades e exigências. No estado selvagem, o sucesso do gato em matéria de sobrevivência e caça depende da integridade da sua área de vida e do seu território. Consequentemente, os gatos são habitualmente cautelosos e preocupam-se com as intrusões na sua área. Enquanto animais de estimação, os gatos são alimentados pelos donos, e não têm de caçar para sobreviver. No entanto, continuam a ter um forte impulso para caçar e uma forte necessidade de estabelecerem territórios e áreas.

Mesmo num ambiente doméstico, a territorialidade pode influenciar fortemente o comportamento dos gatos. Há disputas entre indivíduos competitivos por causa de recursos escassos e direitos de acesso aos recursos. Além disso, elementos da mesma casa poderão competir por causa do território, uma vez que é frequente os gatos que vivem na mesma propriedade não formarem um grupo social coeso.

Como é compreensível, para a sobrevivência da espécie, a reprodução é importante. As áreas do macho são normalmente muito maiores do que as da fêmea (habitualmente entre 3 e 10 vezes maiores). Por exemplo, o território de uma típica gata que viva numa moradia é normalmente o jardim e pouco mais. Já a de um gato que não esteja castrado irá estender-se por vários jardins adjacentes.

Gatos ferais que vivem em ambientes urbanos e dispõem de uma quantidade abundante de comida podem tolerar viver com uma densidade populacional relativamente elevada de 75 ou mais por hectare. Os gatos de estimação no mesmo ambiente urbano vivem frequentemente com uma densidade de mais de 120 por hectare. Nas casas, os gatos são alimentados regularmente e esse mundo interior torna-se o seu núcleo de segurança dentro do território. Não conseguem ter uma visão completa do interior da casa e do exterior em simultâneo, pelo que, tal como

os seus antepassados selvagens, marcam o território com o seu cheiro. Os gatos usam vários métodos para marcarem o seu território, por exemplo, esfregarem-se, arranharem ou lançarem um jato de urina, sendo o método determinado pelo objetivo e o estado emocional do gato.

O que significa isto para as clínicas veterinárias?

- Os clientes poderão vir pedir conselhos porque o seu gato é altamente territorial e agressivo com os outros gatos do bairro. Esses gatos muito territoriais parecem procurar ativamente território defendido por outros e tentarem restringir a sua utilização por outros gatos em determinadas alturas ou tentarem expulsá-los por completo. Podem mesmo entrar em casas, situadas numa área bastante vasta, atacarem o gato residente (e os donos caso estes intervenham) e lançarem jatos de urina nas superfícies para as marcarem antes de se irem embora.
- Os clientes poderão vir com frequência procurar tratamento para o seu gato, por ter sido vítima de um desses gatos territorialmente agressivos. Para além das lesões físicas, poderão ocorrer problemas relacionados com o stress, como cistite idiopática felina, o conflito entre gatos da mesma casa é uma causa comum de stress.
- Os gatos podem sentir-se inseguros simplesmente por estarem fora do seu território; os cheiros, os sons e as visões da clínica vão ampliar esse efeito, deixando os gatos muito ansiosos, assustados e defensivos.

Os clientes poderão não compreender que:

- Os gatos estão mais ligados ao seu território do que aos seus donos, o que pode fazer com que voltem a uma casa antiga se a nova ficar a uma curta distância.
- Os gatos não toleram necessariamente outros gatos na mesma casa. Apesar de os donos poderem achar que o seu gato está sozinho e precisa de um "amigo", os gatos podem sentir-se muito ameaçados por isso, uma vez que não têm qualquer relação nem provêm originalmente do mesmo grupo social. Visitantes que tragam um gato para ficar na casa poderá causar uma grande perturbação num gato residente.
- Os gatos podem sentir-se muito ameaçados, lutarem ou tentarem esconder-se por causa de ameaças ao território; podem evitar sair – os donos poderão não ter consciência da ameaça percecionada, o que pode resultar em alterações de comportamento ou problemas relacionados com o stress.
- As modernas portas gateiras dão aos donos um grau bastante significativo de controlo sobre os seus gatos, porém, também podem permitir que outros gatos entrem em casa. Idealmente, as portas gateiras deverão permitir apenas a entrada dos gatos residentes (p. ex. com recurso a "chaves" magnéticas, eletrónicas ou com microchip). A porta gateira é um ponto de transição entre o "núcleo" de segurança interior do território do garo e o mundo exterior, mais arriscado, e para alguns gatos, o núcleo territorial é apenas uma pequena parte da casa.

- Se o território do gato for limitado (p. ex. quando está confinado ao interior), o dono tem de garantir que o ambiente estimula o gato. O núcleo do território de um gato que vive dentro de casa poderá ser debaixo da cama, e as áreas perto da porta poderão ser vistas como inseguras. Locais de repouso adicionais em pontos elevados podem aumentar as possibilidades de segurança do território.
- Algumas marcações territoriais através do odor, quando ocorrem no interior em vez do exterior (p. ex. lançar jatos de urina, urinar, defecar e, por vezes, arranhar) podem ser um sinal de que o gato não se sente seguro na casa.
- Os gatos raramente deixam a sua área de vida de forma voluntária, por isso, quando é necessário, os donos têm de ser sensíveis às necessidades dos animais, escolhendo, por exemplo, um gatil que satisfaça as necessidades comportamentais do gato ou uma clínica amiga dos gatos com pessoal compreensivo em relação às necessidades e ansiedades dos felinos

Altamente sensível ao cheiro

Os gatos usam o odor como meio de comunicação social, habitualmente para manterem outros gatos à distância (exceto quando procuram parceiros ou marcam o seu núcleo territorial, ou talvez membros do seu grupo felino). Os gatos usam feromonas e odor derivado de glândulas sobre a face e o corpo, bem como urina e até fezes em diferentes circunstâncias.

Os gatos possuem glândulas odoríferas à volta dos lábios e do queixo, no cimo da cabeça, na base da cauda, entre os dedos das patas e à volta da região anal. Quando o gato se esfrega no dono, são essas áreas que deixam o seu odor único. Da mesma forma, os gatos marcam da mesma forma galhos, ramos e outros objetos no seu território. Os gatos também arranham árvores e vedações deixando uma marca visual e olfativa das glândulas que têm entre as almofadas das patas. A urina de um gato não castrado deixa um cheiro pungente.

Todos os gatos, independentemente do sexo e de serem ou não castrados, marcam o território com o odor, incluindo projetando jatos de urina. A frequência e o padrão do jato de urina podem ser complexos. Os gatos também podem deixar fezes a descoberto e em locais proeminentes (muladar), em vez de as enterrarem, como outra forma de marcação pelo odor.

Os grupos "naturais" de gatos, como é possível encontrar nas colónias ferais ou rurais, em que existe abundância de alimento, são geralmente sociedades amigáveis em que os laços entre indivíduos são demonstrados pelo esfregar e lavagem mútuos no seio do grupo (e as fêmeas podem cooperar a cuidar dos gatinhos). Ao esfregarem-se uns nos outros, os gatos trocam os seus cheiros para produzirem um perfil olfativo do grupo; logo, os gatos conseguem reconhecer todos os membros do seu grupo social pelo cheiro. Existe muito pouca agressão no seio de um grupo formado naturalmente; porém, se gatos exteriores ao grupo social invadirem ou tentarem caçar no território deste, os membros da colónia (geralmente todas as fêmeas da mesma família) poderão mostrar uma agressividade extrema para se livrarem desses gatos, uma vez que representam uma ameaça ao alimento e a outros recursos.

O que significa isto para as clínicas veterinárias?

- Os comportamentos "problemáticos" relacionados com a marcação podem ser comuns, mas poderá ser preciso tempo para investigar e aconselhar eficazmente os clientes. Deverá ser considerada a referenciação para um especialista comportamental (ou o aconselhamento deste) deveria ser considerado caso o aconselhamento básico de gestão não produzir efeito. A urinálise é importante para ajudar a despistar problemas médicos em casos de urinação inadequada.
- Não há cheiros familiares na clínica, pelo que a ansiedade poderá ser elevada.
- Lavar as mãos e limpar a mesa entre pacientes é essencial para a higiene, mas também para eliminar o cheiro de outros animais.
- A hospitalização na clínica poderá ser menos stressante se o dono puder levar os tecidos em que o gato dorme ou repousa em casa, logo impregnados do seu próprio cheiro. Esta prática também é útil para os tecidos utilizados nas caixas de transporte.
- O uso de feromona facial felina sintética pode ser útil tanto em casa como na clínica.
- O cheiro de desinfetantes fortes pode ser avassalador – lave as jaulas após a utilização e deixe secar antes de nela introduzir o gato.

O que poderá isto significar em termos de falta de compreensão do cliente?

- O olfato é o primeiro sentido utilizado para avaliar a comida – se o cheiro desta não for agradável, o gato nem tenta prová-la. Doenças como as infeções do trato respiratório superior comprometerem o sentido do olfato, e os gatos podem não ter vontade de comer. A utilização de alimentos com elevado teor de gordura e a libertação de aromas ao aquecer a comida à temperatura ambiente podem torná-la mais apelativa.
- Alterações ao perfil olfativo familiar e tranquilizador da casa do gato podem ser um desafio, como, por exemplo, produtos de limpeza e ambientadores domésticos, móveis novos, visitas de pessoas ou cães, outros gatos que entram pela porta gateira, decoração, etc. É importante compreender as alterações ao ambiente do gato caso ocorram problemas comportamentais.
- A marcação pelo odor dentro de casa não é sinal de que o gato é "porco", mas antes uma resposta a alterações no estado emocional e é frequente acontecer quando o gato se sente ameaçado. Pode ser em resposta a um novo gato ou a alguma alteração no ambiente que o gato acha desafiante.
- Os donos confundem muitas vezes a marcação com urina com excreção indevida e vice-versa.

Naturalmente "limpo"

Os gatos passam cerca de 4 por cento da vida (ou 8 por cento do tempo em que não estão a dormir), a lavarem-se. O impulso para se lavarem é muito forte. Os gatos são predadores – precisam de estar em plena forma para caçarem e seguirem furtivamente as presas, pelo que a manutenção é importante. A lavagem ajuda a eliminar parasitas e tudo o que possa degradar e dar cheiro ao pelo. Os pelos também são altamente sensíveis ao movimento, por isso, ajudam a dar ao gato informações sobre o ambiente que o rodeia, a direção do vento, etc. A lavagem também está ligada às relações sociais e serve provavelmente como um comportamento reconfortante. Devido à sua natureza meticulosa, os gatos podem lavar do pelo substâncias venenosas a que estiveram expostos e que, de outra forma, nunca comeriam ou beberiam diretamente. Apesar de a urina e as fezes poderem ser utilizadas para a marcação pelo odor, os gatos também poderão desejar esconder o seu paradeiro enterrando-as. Para o ser humano, o gato é um animal excecionalmente agradável de ter por perto, no sentido em que não nos cheira mal e usa habitualmente uma caixa de areia com muito sucesso, se necessário (cabe aos donos evitar o mau cheiro limpando-a com frequência).

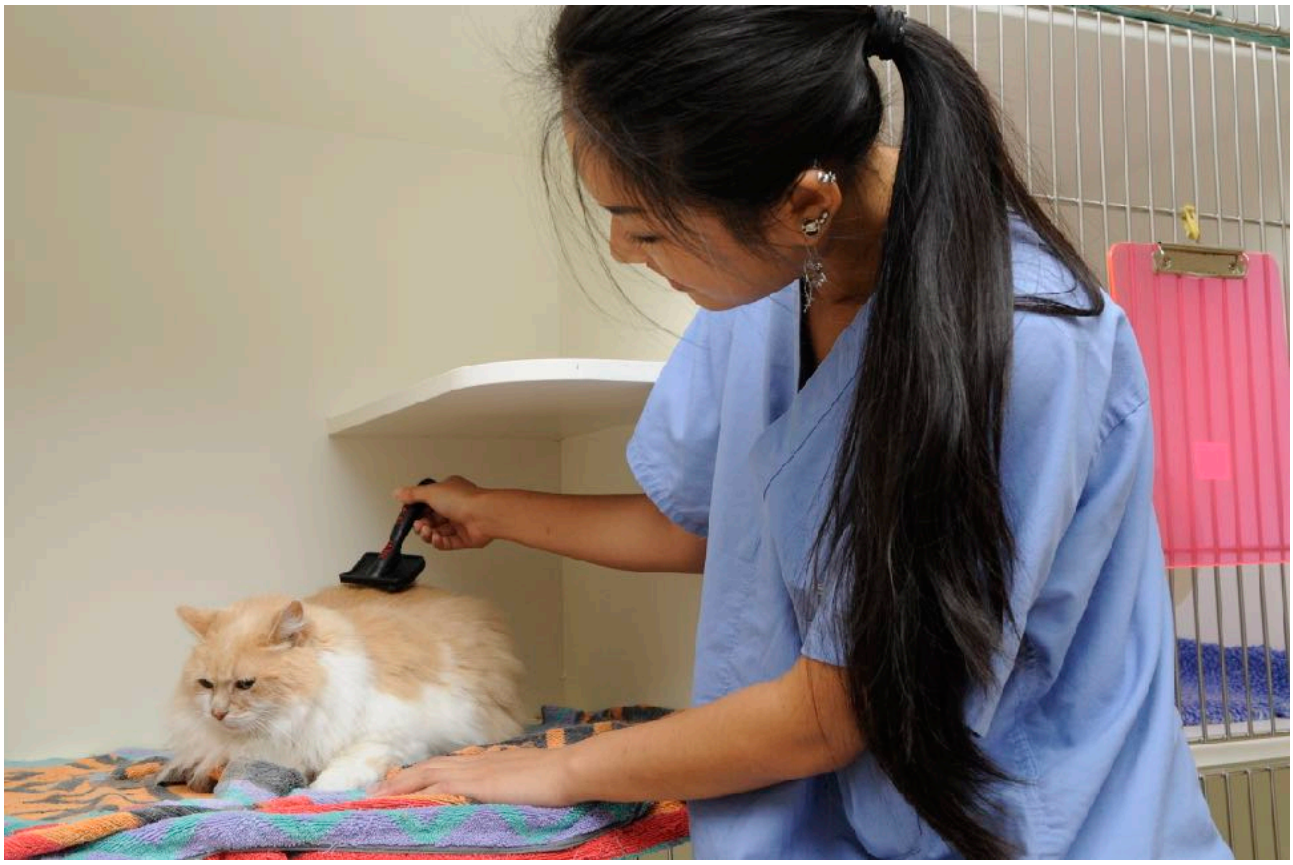
Os gatos costumam enterrar naturalmente a urina e as fezes e, regra geral, quando maior a profundidade da areia na caixa (na medida do possível), melhor – um vaso de plantas grande poderá ser melhor a servir como caixa de areia do que qualquer outra coisa que tem em casa! Os estudos demonstraram que os gatos preferem areia com 1 a 2 cm de profundidade para defecar. Da mesma forma, no exterior, uma área

recentemente cavada do jardim ou uma área coberta de gravilha fina e cara podem ser a latrina mais apetecível para um gato, caso a alternativa seja um jardim com terra compactada ou sem terra para escavar. Os gatos preferem substratos macios e fáceis a alisados; a areia à base de argila parece ser a preferida.

A latrina natural do gato é afastada das principais áreas de caça, alimentação e atividade, e a tendência do animal é para usar áreas diferentes para urinar e defecar. Os donos devem tentar proporcionar essas características, não apenas seguindo a regra de "número de gatos mais um" em relação ao número de caixas de areia, mas também garantindo que as caixas não são colocadas junto a tigelas de comida nem perto de pontos de passagem movimentados. Um ponto isolado e sossegado é o ideal.

Entre os motivos para os gatos poderem começar a utilizar locais alternativos estão:

- A falta de treino em casa nos primeiros tempos de vida.
- Remoção das latrinas dos locais preferidos.
- Agressão de outros gatos.
- Tensão numa casa com vários gatos.
- Aversão à localização da caixa de areia, ao substrato ou à própria caixa.
- Uma experiência desagradável associada à caixa de areia (p. ex. areia suja, a experiência de uma ocorrência assustadora enquanto estava na caixa, como um ruído forte, ser interrompido ou medicado).



O que significa isto para as clínicas veterinárias?

- Os problemas com a caixa de areia podem estar relacionados com doenças. Se um gato sentir dor ao urinar ou defecar, poderá associar essa dor ao local em vez do ato. À medida que envelhecem, os gatos ficam com as articulações rígidas ou dolorosas e poderão perder mobilidade; por exemplo, uma caixa de areia com as laterais muito elevadas que era a preferida do gato pode passar a ser muito difícil para ele subir para dentro dela.
- Poderão ser ingeridas substâncias venenosas através da lavagem do pelo ou das patas em vez de serem simplesmente ingeridas ou bebidas.
- O pelo em mau estado pode ser um sinal de que o gato não se consegue lavar bem ou não quer, o que se pode dever a problemas dentários, osteoartrite, disfunção cognitiva, hipertireoidismo, ansiedade, etc.
- Também se julga que a lavagem tem um efeito calmante ou gratificante e que poderá ser utilizada pelo gato como uma atividade de deslocamento.
- Os gatos preferem comer e dormir longe da caixa de areia, pelo que o tamanho das jaulas hospitalares e a colocação do recheio pode afetar a alimentação e o relaxamento.
- Os gatos poderão ter preferência por um determinado tipo de areia ou uma caixa coberta ou aberta.

Os clientes poderão não compreender que:

- Para os gatos, um local confortável para urinar ou defecar significa um sítio onde possam facilmente escavar e raspar. Se for pesado, áspero e pouco familiar ou tiver a consistência ou o cheiro errado para um gato, pode simplesmente não ser usado. A caixa de areia deve ser suficientemente grande para o gato poder raspar à vontade, virar-se e passar pela sua excreção com facilidade. Isto poderá ajudar a impedir o aparecimento de problemas.
- Os desodorizantes para a areia, as areias perfumadas e os desinfetantes fortes podem ser inibidores para os gatos.
- A colocação de uma caixa de areia também é importante para os gatos, pelo que devem ficar em locais tranquilos, afastadas da comida e da água e onde o gato não seja perturbado.
- O número de caixas de areia disponíveis em casas com vários gatos poderá não ser adequado.

Independente, emotivo e altamente consciente

O gato não precisa de companhia felina – consegue caçar sozinho, encontrar o seu local de descanso e defender o seu território. Consegue manter-se limpo, com as garras afiadas e proteger-se conhecendo profundamente o meio que o rodeia e usar a sua agilidade, velocidade e força para fugir de situações problemáticas. Pôr-se em segurança é a opção preferida perante o perigo.

Quando vivem juntos, os gatos não formam pactos estruturados como os cães e não há hierarquia de superioridade entre um grupo de gatos. A suposição de que os gatos precisam de companhia da sua espécie baseia-se na perceção humana da sociabilidade. Os gatos vivem em grupos sociais, mas apenas em circunstâncias especificas, como colónias ferais em quintas – são grupos de fêmeas aparentadas em que os gatinhos crescem juntos desde que nascem e onde existe alimento e abrigo suficiente para mais animais.

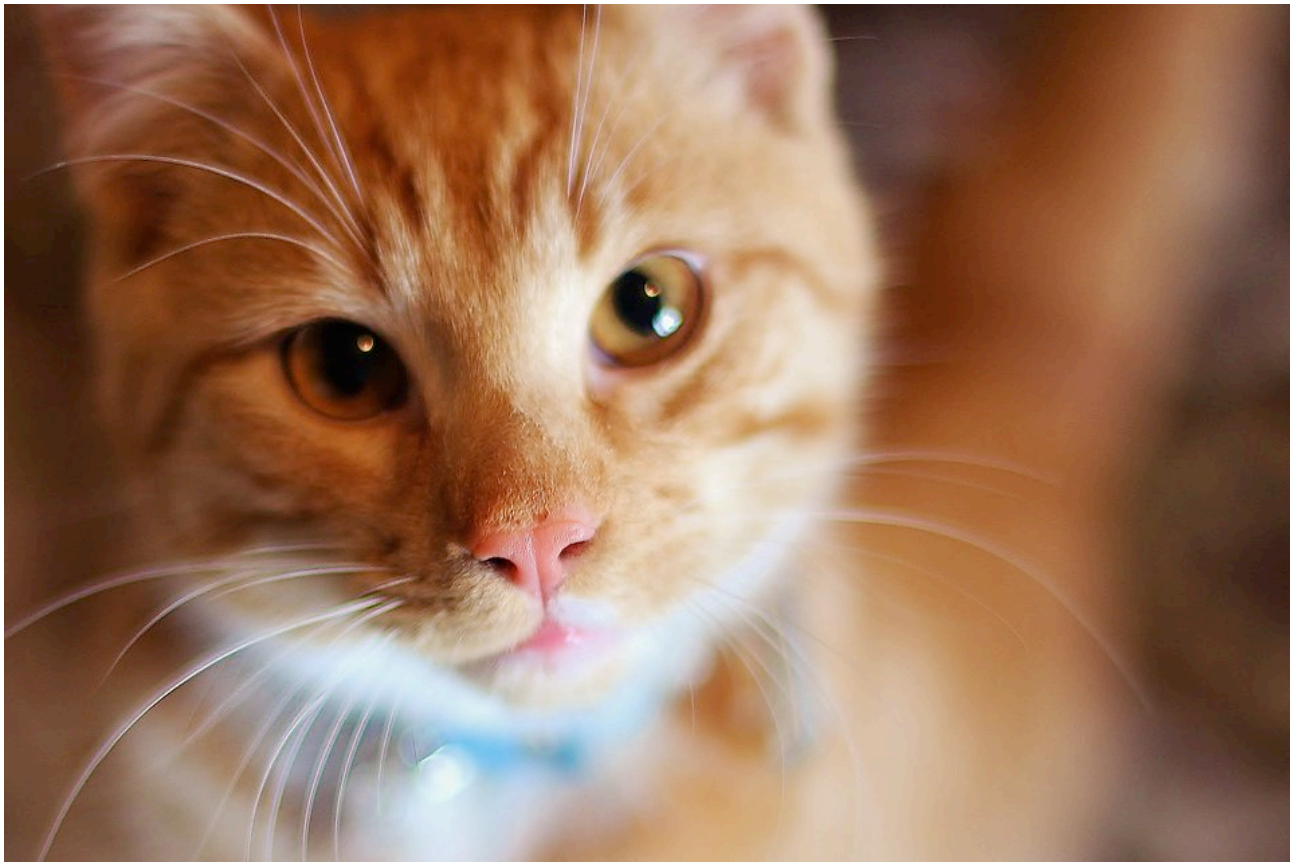
É frequente julgar o gato como um animal não emotivo porque os humanos não o veem como possuidor de grande destreza facial e da capacidade de demonstrar um grande leque de expressões faciais subtis. No entanto, para sobreviver, o gato experimenta a mesma gama de emoções e sentimentos dos outros animais, incluindo medo, prazer e frustração à medida que vai conhecendo o seu ambiente, reage rapidamente a oportunidade de alimento e evita o perigo. O gato mantém a independência vivendo pelos seus próprios meios e sem depender de ninguém.

Os gatos são excelentes a esconder sinais de doença ou dor – têm tendência para ficarem imóveis e silenciosos para não atraírem atenções. Os donos poderão não perceber que o gato está em sofrimento.

Os gatos costumam ficar mais felizes quando podem ser eles a ditar os momentos de interação com os donos e outros humanos. Deixar que seja o gato a vir ter consigo é uma boa maneira de garantir que ele tem uma ideia positiva de si. Poderem trepar para se esconder em lugares mais elevados faz com que os gatos se sintam mais seguros.

O que significa isto para as clínicas veterinárias?

- Os gatos podem reagir rapidamente se forem perturbados ou se assustarem. Como não podem fugir numa clínica, poderão recorrer à agressão defensiva.
- Uma abordagem lenta e silenciosa, evitando o contacto visual direto (e piscando lentamente os olhos), minimizará a ameaça percecionada.
- Evite sons altos e agudos dentro da clínica, pois são muito alarmantes para um gato que já está com stress.
- Agarrar o gato pelo cachaço ou manuseá-lo sem cuidado poderá causar medo e ansiedade.
- Basta uma única ocorrência desagradável na clínica para afetar as futuras visitas de um paciente.
- Na maior parte das vezes, um gato assustado tenta fugir, pelo que é essencial ter janelas e portas bem fechadas.
- Os gatos são excelentes a esconder sinais de dor ou vulnerabilidade. Os donos poderão ter notado alterações de comportamento, mas não ter consciência da sua relevância.
- O aumento dos sinais de excitação pode ser subtil.



Os clientes poderão não compreender que:

- Os gatos podem preferir não ser dependentes das pessoas nem interagir com elas.
- Os gatos não costumam desejar ter um "amigo" felino – habitualmente, vivem mais felizes sozinhos.
- Partilhar território com outro gato pode ser stressante.
- Os gatos podem não querer ficar confinados ou ser tranquilizados com festas.
- Visões, sons e cheiros do dia-a-dia podem causar stress aos gatos.
- Tal como todos os mamíferos, os gatos aprendem depressa. A obediência aos humanos não é uma prova de inteligência!
- As emoções e o comportamento podem mudar muito rapidamente. Os gatos podem reagir rapidamente se forem perturbados ou se assustarem.
- A rotina e a previsibilidade na vida de um gato podem reduzir o stress e melhorar a qualidade de vida.
- As alterações ao comportamento rotineiro (como dormir mais ou evitar o contacto) poderão dever-se a mudanças emocionais ou indicar problemas de saúde.
- Os gatos têm uma grande necessidade de se manterem limpos, pelo que privá-los da possibilidade ou oportunidade de o fazerem é potencialmente stressante.

- Os gatos são excelentes a esconder sinais de doença ou dor – têm tendência para ficarem imóveis e silenciosos para não atraírem atenções. Os donos poderão não perceber que o gato está em sofrimento.

Muito influenciado pelas primeiras experiências

Apesar de alguns gatos nunca aceitarem viver com outro gato na mesma casa, a maioria gosta da companhia dos humanos se socializarem com eles desde pequenos. No entanto, os gatos têm de aprender a gostar de interagir com as pessoas muito novos para as aceitarem. As experiências que os gatinhos vivem nos primeiros dois anos de vida são muito importantes para influenciar o seu comportamento e as suas reações em adultos. Um gato que durma tranquilamente na sala não difere, em muitos aspetos, dos outros que têm uma vida completamente independente na rua, exceto na exposição que têm ao ser humano.

Durante as primeiras semanas de vida, o gatinho aprende a sua identidade social e como se alimentar. A mãe vai desmamá-lo, passando do leite a presas mortas e depois vivas. Este processo ajuda gradualmente o gatinho a aprender a matar e caçar as presas de que necessita para sobreviver. Num ambiente doméstico, o gatinho também pratica comportamentos de caça. Isto está na origem das patadas, das perseguições e dos ataques que todos os gatinhos passam muito tempo a ensaiar. A participação nas brincadeiras dos gatinhos, com brinquedos e jogos, participamos no seu desenvolvimento de forma muito semelhante a uma mãe com a sua ninhada.

Até cerca dos meses de idade, o gatinho é particularmente sensível à aprendizagem do seu ambiente e ao estabelecimento de laços sociais. Estudos realizados sobre a qualidade e a quantidade do manuseamento durante esse "período sensível" demonstram que há benefícios evidentes em proporcionar a socialização necessária da maneira certa – os gatinhos que são manuseados por pelo menos quatro pessoas diferentes entre os dois e os sete meses de idade tendem a ser mais sociáveis com os humanos do que aqueles que não beneficiaram desse manuseamento. A mistura de humanos deve incluir homens e mulheres, jovens e idosos e o manuseamento deve acontecer em períodos curtos e frequentes.

Não são apenas as pessoas; os gatinhos também têm de perceber como é viver numa casa. A experiência do barulho, das crianças, dos cães, dos aspiradores, de locais diferentes e até de viagens de carro permite ao gatinho aprender a não ter medo de tudo.

À medida que se aproximam da idade adulta, os gatinhos desenvolvem um conjunto adulto de características de personalidade que são determinadas em parte pelos seus genes, em parte pelas primeiras experiências e em parte pelo ambiente e pelo modo como são tratados. Em média, a maturidade sexual ocorre por volta dos nove meses de idade, mas pode ocorrer mais cedo ou mais tarde dependendo da época do ano em que o gatinho nasceu. A partir daí até à maturidade social plena, algures entre os 18 meses e os 4 anos de idade, mas em média aos 2 anos, ocorrem mudanças graduais na personalidade do gato, que começa a tornar-se territorial. Em

alguns casos, os gatinhos deixam de ser sociáveis e ousados e tornam-se mais solitários, independentes e cautelosos.

Este período da vida do gato representa a altura em que descobre verdadeiramente o valor do seu território e a sua capacidade de viver enquanto indivíduo. Nos machos selvagens ou ferais, é também neste período que se afastam gradualmente do grupo familiar alargado em que foram criados. Pode ser um período preocupante e perturbante para os donos porque o gato jovem afasta-se mais de casa e entra em conflito com outros gatos — é neste momento que se torna evidente o valor da castração para reduzir esse comportamento errante.

O que significa isto para as clínicas veterinárias?

- O gatos ferais exigem uma abordagem diferente, cuidadosa e organizada, pois são difíceis de tratar.
- Os gatos tem menor capacidade para lidar com o stress associado às pessoas e ao ambiente humano caso quando não tenham socializado convenientemente no início da vida – os gatos assustados têm de ser manuseados com cuidado e os gatos hospitalizados poderão necessitar de jaulas com maior quantidade de tecidos de cama para se esconderem.
- O momento vital para a socialização é antes dos 8 meses de idade – as clínicas veterinárias podem influenciar os criadores/donos/funcionários de abrigos que utilizam a clínica para garantir que os gatinhos jovens são expostos às experiências certas para se tornarem animais de estimação confiantes.

Os donos poderão não compreender que:

- Os gatos têm personalidades únicas e nem todos os gatos são amigáveis ou sociáveis com os humanos.
- Poderá haver um limite para o que pode ser feito por gatinhos nervosos ou gatos que não estiveram devidamente expostos nos primeiros meses de vida, e é muito pouco provável que os gatos ferais sejam alguma vez bons animais de estimação.

Este foi um resumo muito breve do comportamento dos gatos e de como se pode manifestar com os donos, mas também na clínica veterinária. Com tudo isto em mente, podemos começar a construir aquela que poderá ser a maneira menos stressante e mais amiga dos felinos de cuidar dos gatos que vão à clínica.

3. Uma Cat Friendly Clinic da ISFM

Ter uma clínica que seja genuinamente "amiga dos gatos" envolve pelo menos três aspetos distintos:

- O primeiro, de importância vital, é a atitude que toda a equipa que presta os cuidados tem perante os pacientes felinos e respetivos donos – aquilo a que se chamou "gatitude"! Em simultâneo, é importante que a clínica tenha uma abordagem proativa perante a comunicação com os clientes;
- O segundo é a importância de o pessoal clínico fazer desenvolvimento profissional contínuo para se manter atualizado com novos conhecimentos em matéria de medicina e cirurgia felina e de todos os aspetos dos cuidados prestados a gatos. Em simultâneo, devem ser implementadas medidas para garantir que os resultados clínicos estão a ser monitorizados e que estão a ser feitas melhorias sempre que necessário;
- O terceiro é a importância de a clínica dispor de uma conceção e uma disposição adequadas e possuir equipamento, instalações e instrumentos adequados para garantir que os pacientes felinos são tratados da melhor maneira possível.

Estes três aspetos são todos importantes e conjugam-se para formar uma clínica que é "amiga dos gatos" e "cuida dos gatos".

É possível que a sua clínica já tenha muitas formas de trabalhar que são amigas dos gatos. Contudo, poderá haver outras coisas, muitas vezes pequenas, que podem

fazer uma grande diferença. Este capítulo permite-lhe observar todos os diferentes aspetos na sua própria clínica para conseguir um nível maior de dedicação aos gatos.

Não desanime – em vez disso, seja criativo! Alguns dos critérios amigos dos gatos poderão ser inicialmente intimidantes, particularmente para as pequenas clínicas. Não se preocupe, pois com alguma criatividade na utilização do seu espaço e das suas instalações, a maioria das coisas é possível.

Desenvolver "gatitude" – a atitude e a abordagem certas aos pacientes felinos

Desenvolver a atitude certa perante os gatos implica vários elementos. Algumas pessoas têm maior empatia para com os gatos do que outras e conseguem lidar com eles de forma calma e descontraída. Para outras, isso não é fácil ou natural, mas isso não significa que não possa ser ensinado. O ponto de partida é compreender devidamente os gatos (ver capítulo 2 – O que é um gato?). Compreender verdadeiramente os gatos é uma ajuda enorme, para além de desenvolver uma abordagem calma, apercebendo-se de que "mais é menos" ao manusear e imobilizar os felinos, e ter também consideração pelo dono do gato e pelos desafios e dificuldades que enfrenta só por levar o animal à clínica veterinária!

Uma clínica com boa atitude perante os gatos e respetivos donos tem pessoal que:

- Acolhe abertamente os gatos
- Tem uma atitude positiva para com os gatos e conhece as suas necessidades dentro e fora da clínica
- Compreende os donos dos gatos e os desafios de levar um gato à clínica
- Sabe como se comportar em relação os gatos e na presença deles
- Compreende e regista o comportamento dos gatos na clínica e consegue responder alterando adequadamente a sua abordagem
- Sabe como lidar com os gatos. É crucial que isso seja feito de modo a reduzir o stress em vez de o aumentar, o que significa que se evita a imobilização pela força a menos que seja estritamente necessária
- Aplica princípios "amigos dos gatos" em todos os aspetos dos cuidados prestados ao gatos e respetivos donos
- Incentiva os melhores cuidados preventivos possíveis para os gatos

Para o gato e o dono não há nada pior do que elementos da equipa que presta os cuidados que dão a impressão (intencionalmente ou não) de que não se interessam por gatos ou não os compreendem. Se, pelo contrário, a clínica estiver imbuída de uma atitude amigável, isso irá criar uma impressão extremamente positiva junto dos clientes.

Uma abordagem compreensiva e um desejo de "fazer o melhor possível" pelos gatos que vão à clínica criará um contexto no qual muitas alterações (frequentemente

pequenas) na estrutura, manuseamento e procedimentos transmitirão uma mensagem fortemente amiga dos gatos.

Isto é vital para toda a equipa que presta os cuidados de saúde – a abordagem do veterinário no consultório é crucial, mas o primeiro contacto que o dono tem com a clínica costuma ser através de um enfermeiro ou rececionista, e o gato poderá ter sido obrigado a estar na sala de espera antes de entrar para o consultório. Garantir que todo o pessoal tem uma boa atitude e uma boa abordagem irá ajudar os donos e os gatos a sentirem-se confortáveis e a minimizar o stress. Um etos amigo dos gatos é, por isso, essencial, para todos os funcionários.

Estar familiarizado e conseguir reconhecer várias raças de gatos e tipos de personalidade e conhecer algumas das suas características básicas ajuda a conseguir demonstrar compreensão aos clientes. Ter ainda consciência de que, ocasionalmente, os clientes poderão ter gatos com laços muito fortes entre si (p. ex. dois indivíduos aparentados de raças mais sociais, como as orientais ou asiáticas) e estar disposto a considerar ter os dois gatos juntos na clínica para que ambos saiam a cheirar ao mesmo poderá ajudar e evitar problemas de relacionamento entre esses gatos.

Ter pessoal que compreende os donos dos gatos

Para além de conhecer e compreender os gatos e as suas necessidades únicas enquanto pacientes veterinários, é também vital conhecer o dono do gato. Para muitos donos, o processo de levar o gato à clínica é altamente traumático.

Eles tiveram de apanhar o gato, fechá-lo numa caixa de transporte, tirá-lo do seu ambiente natural e do seu território, muitas vezes viajar de carro ou transporte público e depois entrar na clínica. Para a maioria dos gatos, é uma situação altamente stressante que provoca inevitavelmente angústia (e muitas vezes exaustão!) também aos clientes. Compreender as implicações das idas ao veterinário para os donos dos gatos, e o que deve ser feito para reduzir o impacto negativo, dará uma ajuda enorme.

Primeiras impressões

A atitude certa começa muito antes de o gato entrar pela porta da clínica. Muitas vezes, a pessoa que deixa a primeira impressão no cliente será aquela que atende o telefone e faz a marcação inicial. Muito pode ser feito nessa fase inicial para fazer com que o cliente se sinta à vontade e também para ajudar a facilitar uma visita de "baixo stress". Aconselhar os donos acerca das maneiras mais adequadas de levar o gato à clínica e ajudá-lo a manter-se calmo e relaxado tem um efeito muito positivo, tanto para o cliente como para o gato. Este estará exposto a muitos fatores de stress, como:

- Uma caixa de transporte estranha
- Uma viagem de carro desconhecida
- Cheiros, visões e barulhos estranhos na viagem até à clínica
- Pessoas e animais desconhecidos e que podem ser ambos altamente ameaçadores
- Ser manuseado e examinado por pessoas estranhas num ambiente estranho
- Ser potencialmente submetido a exames e hospitalizado na clínica

Estas situações podem representar grandes desafios para qualquer gato, mas o pessoal pode ajudar desde o primeiro momento aconselhando os clientes acerca da melhor forma para levarem os gatos à clínica, do tipo de caixa de transporte a comprar e como garantir a segurança durante a viagem.

- As caixas de transporte devem ser fortes, à prova de fuga e permitir um bom acesso quer ao gato quer ao dono/pessoal da clínica:
    - As gaiolas de arame revestido a plástico com a abertura por cima não permitem que o gato se esconda, pelo que ajuda se forem tapadas com uma manta
    - As caixas de transporte em que metade do fundo pode ser retirado são úteis para examinar os gatos que não querem sair da caixa
- Se houver mais do que um gato, devem ser transportados em caixas separadas para evitar a agressão defensiva sob stress (pode-se manter as caixas de transporte juntas se os gatos se derem bem em casa).
- Idealmente, o gato deve encarar a caixa de transporte como parte do seu território, para não se tornar um sinal de uma viagem stressante. O ideal é usar permanentemente a caixa de transporte como uma das áreas onde o gato

dorme/descansa em casa. Se isso não for possível, ajuda habituar o gato à caixa alguns dias antes de ir à clínica. Alimentar o gato dentro da caixa em casa poderá ajudar a criar uma associação positiva entre o gato e a caixa de transporte.

- A caixa de transporte tem de ter um cheiro familiar e que transmita segurança ao gato. Peça ao dono para colocar tecidos que tenham o cheiro da pessoa preferida do gato ou tecidos de cama que o gato tenha usado. Além disso, se estiver disponível um preparado de feromona facial felina sintética, pulverizá-lo nos tecidos que irão ser utilizados na caixa de transporte ou simplesmente na própria caixa cerca de 30 minutos antes de lá colocar o gato, poderá ajudar.
- Os gatos têm de se poder esconder, pelo que tapar a caixa de transporte durante a viagem pode ajudar a reduzir o stress. Isto também é muito útil na sala de espera e quando o gato está a ser levado de um local para outro dentro da clínica. É preferível usar uma manta dessa forma numa caixa fácil de abrir do que usar uma caixa com laterais sobretudo sólidas que só tenha uma pequena abertura frontal.
- Coloque a caixa de forma estável no chão do carro por trás do banco da frente ou prenda-a com um cinto de segurança para se certificar de que está bem presa e não se move. Também é importante garantir que a caixa de transporte está bem direita e não a prender de modo a que fique inclinada.
- Conduza calmamente e tente evitar ruídos fortes e música alta! Fale baixo e tranquilamente para o gato e mantenha a calma.
- Leve tecidos de cama extra para o caso de acidentes (o gato urinar ou defecar na caixa).
- Pegue na caixa com cuidado e em segurança. Por exemplo, não bata com ela nas pernas ao transportá-la e apoie o fundo da caixa.

É importante que tanto o gato como o dono sejam bem acolhidos e postos à vontade quando chegam à clínica. Uma receção amigável é essencial, com informações claras sobre a área de espera e os procedimentos. Alguns clientes podem preferir ficar no carro com o gato enquanto esperam ou entrarem sem o gato para verem se há cães na sala de espera.

A adoção de uma abordagem flexível adequada ao cliente e ao gato pode ser útil.

Provedor do Gato

Ter um "provedor do gato" na clínica, que pode ser o catalisador para educar toda a clínica e incentivar toda a gente poder ser altamente benéfico tanto para a clínica como para os clientes. O essencial é compreender os gatos, desenvolver as técnicas certas e ter confiança. As clínicas que tenham nomeado um provedor do gato consideram que essa pessoa se torna o centro da informação, da discussão e da implementação do modo de "pensar como um gato". Essa pessoa não tem de ser um cirurgião veterinário; muitas vezes os enfermeiros ou outro pessoal auxiliar são excelentes a desempenhar esse papel.

Ter pessoal que sabe como se comportar em relação os gatos e na presença deles

Esteja ou não diretamente envolvida no manuseamento e cuidado dos gatos, é importante que toda a equipa veterinária saiba como se comportar na presença de gatos, como:

- Ter consciência da sensibilidade dos gatos ao cheiro – o uso de perfumes fortes ou o uso excessivo de ambientadores, em conjunto com os cheiros normais da clínica, pode ser assustador para o gato. Ventile as salas e enxague bem os desinfetantes seguindo as instruções do fabricante. Sempre que possível, utilizar desinfetantes sem cheiros fortes
- Ter consciência da sensibilidade dos gatos ao som – os gatos têm uma audição muito mais apurada do que os seres humanos ou os cães, e isso tem de ser levado em consideração.
- Ter consciência de que os gatos estão fora do seu território normal – apesar de vários gatos poderem lidar incrivelmente bem com a situação de serem retirados do seu ambiente normal, muitos outros acham isso muito assustador e stressante. Estar simplesmente ciente de que é muito provável que o gato esteja stressado e responder de maneira adequada (ter uma abordagem cuidadosa e empática, manter os gatos separados de outros animais de estimação e entre si, etc.) ajuda muito
- Caso esteja disponível, pode ser utilizado um difusor ou pulverizador de feromona facial felina sintética na sala de espera e nos consultórios. Isso poderá ajudar a

reduzir o stress do gato, mas não substitui a existência de instalações adequadas e uma boa atitude

Ter pessoal que saiba manusear os gatos

O manuseamento adequado dos gatos é crucial. Os gatos são geralmente sensíveis a pessoas e situações desconhecidas e sua "linguagem corporal" pode ser mal interpretada. O medo é muitas vezes negligenciado como causa de agressão, e sinais subtis de stress ou dor podem passar facilmente despercebidos.

O correto manuseamento do gato, mesmo com técnicas simples, é crucial, mas raramente merece a atenção suficiente. Este é um aspeto muito importante de uma clínica amiga dos gatos. Desenvolva boas técnicas de manuseamento com todo o pessoal clínico – depressa se dará conta de que algumas pessoas gostam de manusear os gatos e têm muito mais jeito do que outras; experimente usar os talentos naturais das pessoas, mas não se esqueça de garantir que todos conseguem aprender e desenvolver as suas aptidões.

É fundamental adotar uma abordagem de "menos é mais" ao manuseamento dos gatos, que reagem geralmente bem à imobilização mínima. Muitos gatos estão assustados, mas se forem tranquilizados delicadamente em vez de serem fortemente imobilizados, isso vai ajudar a evitar que a maioria deles se torne agressiva defensivamente. Agarrar pelo cachaço (agarrar ou segurar no gato pela pele folgada na parte de trás do pescoço) deve ser utilizado apenas como último recurso de imobilização, e os gatos nunca deverão ser levantados e suspensos pelo cachaço. Agarrar o gato e segurá-lo imediatamente pelo cachaço ou imobilizá-lo fortemente pode ser muito intimidante e provoca muitas vezes uma agressão defensiva.

- Aproxime-se do gato sempre de modo calmo. Não olhe o gato nos olhos no primeiro contacto (o contacto visual direto e especialmente prolongado é muito ameaçador para os gatos) – olhe para longe dele e pisque lentamente os olhos. Deixe o gato cheirar-lhe primeiro a mão para avaliar as respostas antes de tentar o contacto físico. Se o gato deixar, o ideal é acariciá-lo e falar com ele antes de o tirar da jaula ou caixa de transporte. Esfregue as mãos nos centros de feromonas do próprio gato (acima da cana do nariz e na região pré-auricular). Muitas vezes, o gato põe a cabeça nas suas mãos – o que impressiona muito os clientes!
- Tenha objetos como toalhas grossas à mão para o imobilizar calmamente, se necessário.
- Ser deslocado de um lado para o outro numa superfície escorregadia pode ser bastante stressante. Uma toalha ou um tapete de borracha a que o gato se consiga agarrar pode ajudar. Uma cama confortável em cima da mesa também pode incentivar o gato a sentar-se ou deitar-se.
- Use batas de algodão, pois os materiais sintéticos podem ter efeitos eletrostáticos.

Manusear os gatos em ambiente hospitalar

Muitos gatos reagem bem à interação com humanos. Dar tempo ao pessoal para brincar, acariciar (delicadamente, especialmente na área da cabeça) e afagar o paciente reduz significativamente o stress em muitos gatos hospitalizados. No entanto, gatos diferentes gostam de coisas diferentes; avalie individualmente cada caso – alguns gatos preferem estar sozinhos, e esses devem ser reconhecidos e deixados em paz.

- Manuseie os gatos com calma e delicadeza, mas deve reconhecer quando precisam ou querem ficar sozinhos.
- Tente limitar o número de pessoas que se aproximam dos gatos hospitalizados e veja o ambiente na perspetiva dos animais, dando particular atenção aos seus sentidos apurados de audição e olfato.

- A consistência, a previsibilidade e a sensação de controlo são muito importantes para o bem-estar do gato.
- Ter música calma na enfermaria poderá ter um efeito calmante.
- É essencial haver uma área tranquila para procedimentos mais simples, como colheita de sangue, medição da tensão arterial e indução de anestesias. Deixe o gato habituar-se à sala antes de iniciar qualquer procedimento. Estes procedimentos não deverão ser realizados em frente a outro gatos.

- Ensine a todo o pessoal que fitar e manusear os gatos de forma intrusiva ou pouco delicada pode ser stressante para a maioria e altamente prejudicial para muitos deles.
- Se possível, disponibilize uma sala separada para as visitas dos donos, para evitar perturbar os outros gatos e dar-lhes tempo de se ambientarem e interagirem.
- Observe cuidadosamente o comportamento de cada gato e esteja preparado para implementar mudanças imediatas caso se manifestem problemas.
- Se os gatos estiverem apenas hospedados na clínica, por exemplo, enquanto o dono está de férias, devem ficar num gatil dedicado completamente separado dos gatos hospitalizados, com rigorosas normas de higiene para evitar a transmissão de agentes infeciosos.
- Se dar guloseimas ao gato não for prejudicial ao tratamento e este reagir bem a elas, utilize-as para criar uma associação positiva com o hospital.

As Diretrizes para o Manuseamento Amigo dos Felinos da AAFP/ISFM constituem um excelente recurso para obter mais informações sobre o manuseamento, e as clínicas devem cumprir essas diretrizes (também disponíveis no site da revista científica JFMS – https://journals.sagepub.com/page/jfm/collections/guidelines/index).

Comunicação entre a clínica e o cliente

A comunicação eficaz entre a clínica e o cliente tem uma importância vital na prestação de cuidados abrangentes ao paciente felino. Uma vez mais, é importante que a comunicação seja feita de forma empática e compreensiva e que seja dada aos clientes a oportunidade de contribuírem para eventuais discussões e expressarem eventuais preocupações. Isto aplica-se não só a exames e tratamentos clínicos, mas a todos os aspetos da comunicação com o cliente. Por exemplo, os clientes deverão ser tranquilizados ao fazerem uma marcação; deverão ser explicados os procedimentos e o que o cliente pode esperar ao chegar a clínica; e deverá ser prestado aconselhamento, se necessário, sobre a melhor forma de transportar o gato até à clínica. Dar tempo aos donos para fazerem perguntas também é importante para avaliar em que medida compreenderam o que lhes explicou.

Eis vários dos aspetos importantes da comunicação com os clientes e algumas formas de a potenciar:

- Conseguir comunicar diretamente com todos ou praticamente todos os clientes que visitam a clínica – o que pode ser feito por via postal, e-mail, SMS, redes sociais ou telefone, e a técnica poderá variar consoante a clínica e os clientes. Porém, é essencial manter alguma forma de comunicação para lembrar os clientes da necessidade de realização de terapias profiláticas de rotina (p. ex. lembrar vacinas ou tratamentos para as pulgas, etc.) e, idealmente, a clínica deverá aproveitar a oportunidade para desenvolver outras comunicações proativas através de coisas como um boletim informativo da clínica ou publicações nas redes sociais. Utilizar uma linguagem adequada e explicar os

termos aos clientes, que terão níveis muito variáveis de conhecimentos médicos e veterinários.

- Os clientes devem saber exatamente quem está a cuidar deles e do seu gato. Recomenda-se a afixação de uma lista completa e atualizada de todos os elementos do pessoal num local bem visível na sala de espera (ou no site da clínica) onde conste também o papel desempenhado por cada funcionário da clínica (p. ex. enfermeiro, auxiliar, rececionista, veterinário, etc.) e a respetiva fotografia, para que os clientes consigam reconhecer facilmente o pessoal. Se tiver um provedor do gato, ele deverá ser apresentado aos clientes.
- Sempre que determinados exames e tratamentos sejam discutidos com os clientes, é importante que as diferentes opções adequadas e disponíveis para esse caso sejam abordadas abertamente com o cliente. Deverão ser apresentadas estimativas de custos razoáveis ao cliente e, sempre que necessário (e quando os clientes assim o solicitem) feitas por escrito. Sempre que os exames e/ou tratamentos ultrapassem as estimativas iniciais, os clientes devem ser informados com a maior antecedência possível e, sempre que necessário, as opções que poderão estar disponíveis deverão ser novamente discutidas. Ao cobrar serviços já prestados, deverão ser apresentadas faturas completamente detalhadas a pedido do cliente.

- Um princípio de grande valor a adotar na clínica é a nomeação de um ou mais elementos do pessoal como "provedores do gato". Essa pessoa ou pessoas não têm de ser necessariamente veterinários, e poderá até ser mais útil se forem

enfermeiros, mas devem ser pessoas que tenham uma empatia natural por gatos e respetivos donos e que compreendam bem o comportamento dos felinos e o modo de manusear e abordar os gatos. O(s) "provedor(es) do gato" devem estar claramente identificados para os clientes conseguirem ver quem são, e os clientes que têm gatos podem ser incentivados a pedirem para falar com o provedor caso tenham alguma preocupação em particular em relação ao gato que está na clínica. Também se poderá pedir ao "provedor do gato" para assumir a responsabilidade de garantir o cumprimento de "normas amigas dos gatos" na clínica.

- Deve ser proativamente pedido aos clientes que deem a sua opinião (positiva ou negativa), mas para além disso, a clínica deverá dispor de uma política escrita que descreva como podem os clientes apresentar uma reclamação formal e como lidará a clinica com essas reclamações. A política de reclamações deverá ser disponibilizada para consulta a pedido do cliente.
- Recomenda-se vivamente a disponibilização de outros materiais impressos para complementar as informações verbais transmitidas durante uma consulta, uma vez que provável que uma parte substancial de qualquer comunicação verbal seja rapidamente esquecida. Além disso, a área de espera/receção deverá dispor de fichas informativas impressas destinadas ao cliente, que deverão ser utilizadas proativamente para abordar problemas comuns. Os folhetos para clientes da CFC devem mostrar como medicar o gato (p. ex. dar comprimidos, gotas para os olhos, tratamentos tópicos, etc.) e dar conselhos sobre o transporte de gatos nas deslocações à clínica veterinária. Poderá ser valorizado o aconselhamento sobre sites adequados, fiáveis e rigorosos, como o site da International Cat Care: www.icatcare.org

Prestação de cuidados "fora de horas"

Apesar de nem todas as clínicas conseguirem prestar cuidados 24 horas por dia aos gatos hospitalizados, ou dispor de um serviço de urgências 24 horas por dia, é importante que os clientes compreendam o nível dos cuidados prestados e o que fazer numa emergência. Assim:

- As clínicas deverão ter uma política em relação à forma de lidar com tratamentos de urgência a gatos fora das horas normais de expediente da clínica. Deverão ser dadas instruções claras aos clientes sobre o modo de conseguirem tratamentos de urgência para os seus gatos. Essas informações poderão, por exemplo, ser transmitidas através de uma mensagem gravada que os clientes ouvem ao ligarem para a clínica ou através de uma pessoa que poderá ficar responsável por atender chamadas telefónicas fora das horas normais de expediente. Os clientes não deverão ficar com dúvidas acerca do modo de obterem prontamente cuidados de urgência para o seu gato, se necessário.
- No caso de gatos que ficam hospitalizados durante a noite, fins de semana ou feriados, quando a clínica não está normalmente aberta, os clientes deverão ser claramente informados acerca do nível de pessoal disponível nessas situações e

da frequência com que os gatos são examinados. Apesar de a monitorização dos gatos hospitalizados fora das horas normais de expediente poder não ser possível em muitas situações, os clientes deverão ser sempre informados acerca do nível de cuidados e da monitorização que são disponibilizados. Idealmente, essa informação será feita através de uma brochura impressa que poderá também descrever outros serviços oferecidos pela clínica.

Descubra se a sua clínica é amiga dos gatos

A implementação de alterações na sua abordagem aos gatos pode fazer uma enorme diferença na clínica, e poderá até constatar muito rapidamente algumas mudanças óbvias. Recorde-se, porém, que é vital ver as coisas também na perspetiva dos donos e garantir que as eventuais mudanças que faça também dão resposta às preocupações e perceções destes. É importante pedir opiniões e informações aos donos, e pode fazê-lo sobretudo de duas maneiras:

- Primeiro, é essencial dar aos clientes oportunidades para transmitirem as suas opiniões (quer positivas, quer negativas) sobre todos os aspetos das experiências que viveram na clínica. Os clientes devem ser incentivados a fazê-lo e deverão ser-lhes dadas boas opções e oportunidades para darem as suas opiniões (p. ex. através do preenchimento de questionários na clínica, envio de mensagens para um site, etc.). Os clientes deverão poder dar as suas opiniões de forma anónima ou identificando-se, consoante desejarem.
- Em segundo lugar, as opiniões podem ser obtidas através de "clientes mistério". Isso pode ser feito através de uma empresa externa ou solicitando a contactos que tenham gatos para ligarem e fazerem uma marcação na clínica de forma anónima (p. ex. ninguém na clínica deverá saber que são as pessoas) e darem depois a sua opinião acerca da qualidade do serviço prestado e aspetos sobre o quão amiga da clínica e compreensiva é a clínica. Esta prática pode dar informações valiosas na perspetiva do cliente que são difíceis ou impossíveis de conseguir de outra forma.

Competências clínicas, formação e desenvolvimento do pessoal

Desenvolvimento profissional contínuo

As boas práticas clínicas deverão não apenas envolver a atualização de conhecimentos, mas também a sua efetiva aplicação na clínica. Os protocolos clínicos e os regimes de tratamento devem ser modificados à luz das atuais "boas práticas".

Para garantir bons padrões clínicos atualizados na clínica, é importante que o pessoal clínico (veterinários e técnicos/enfermeiros) realize desenvolvimento profissional contínuo (DPC) relevante. Esse desenvolvimento pode ser feito de diversas formas, como, por exemplo:

- Presença em conferências e seminários
- Webinars
- Cursos de ensino à distância
- Leitura privada de revistas científicas/artigos/comunicações, etc.

Recomenda-se que:

- Os veterinários realizem um mínimo de 35 horas de DPC anuais no total. Até 10 dessas horas poderão ser de estudo pessoal/privado (leitura de revistas científicas, livros, etc.)
- Os enfermeiros/técnicos realizem um mínimo de 15 horas anuais, sendo que também neste caso até 5 dessas horas poderão ser de estudo pessoal/privado
- Uma proporção significativa do DPC realizado quer por veterinários quer por enfermeiros deverá estar relacionado com felinos, mas a proporção exata poderá ter de estar aproximadamente em linha com a proporção do tempo clínico que dedicam ao trabalho com felinos. Deverão ser mantidos e monitorizados registos escritos do DPC realizado por todos os membros da clínica.

Biblioteca clínica e disponibilidade de materiais de referência

É importante que haja um conjunto de materiais de referência atualizados e relevantes à disposição dos veterinários e enfermeiros na clínica para os apoiar. Esses materiais deverão incluir, entre outros:

- Livros atualizados especificamente sobre animais de pequeno porte e felinos
- Revistas científicas atualizadas especificamente sobre animais de pequeno porte e felinos

A ISFM produz vários materiais que são concebidos e redigidos por forma a serem relevantes e úteis para veterinários na prática clínica, entre eles a JFMS. A filiação como membro clínico da ISFM dá acesso à JFMS e a webinars mensais para um máximo de 5 veterinários da clínica. A filiação gratuita como enfermeiro da ISFM dá acesso à revista de enfermagem Feline Focus.

Boas práticas clínicas

As boas práticas clínicas deverão não apenas envolver a atualização de conhecimentos, mas também a sua efetiva aplicação na clínica. Os protocolos clínicos e os regimes de tratamento devem ser modificados à luz das atuais "boas práticas".

É importante que seja incentivada alguma forma de monitorização continuada para aceder aos resultados clínicos e ajudar a identificar aspetos que podem ser

melhorados, ou seja, uma forma de auditoria clínica deverá ser considerada como uma parte rotineira das boas práticas clínicas.

Deverão existir oportunidades regulares para veterinários e enfermeiros analisarem as práticas clínicas e discutir resultados clínicos para ajudar a identificar áreas que possam exigir atenção. Isso poderá ser feito através de reuniões clínicas regulares, incorporando rondas de "morbilidade" e "mortalidade", em que são analisados casos que desenvolveram complicações inesperadas ou morreram inesperadamente para determinar a necessidade de eventuais alterações à política da clínica para evitar problemas futuros.

Sempre que o pessoal seja em número reduzido, deverão procurar-se oportunidades para discutir protocolos, procedimentos e casos clínicos com pares exteriores à clínica, e todas as clínicas são incentivadas a ajudarem a aprender com as experiências de outras pessoas, como, por exemplo no Fórum de Discussão Clínica dos Membros da ISFM.

Tornar a clínica "amiga dos gatos"

Todas as clínicas veterinárias terão de dar atenção à localização, acessibilidade e os padrões gerais do edifício onde estão situadas. Como princípio geral, a clínica tem de estar prontamente acessível aos clientes e, especialmente no caso dos gatos, não pode ter um nível de ruído excessivo. A clínica deverá ter manutenção adequada e:

- Estar bem decorada e apresentar bons níveis de higiene clínica
- Não ter odores desagradáveis e dispor de ventilação adequada
- Dispor de boa iluminação em todas as áreas
- Dispor de proteções adequadas para garantir que os gatos não fogem

Sala de espera – a porta de entrada para a clínica

A sala de espera e o pessoal que aí se encontra são responsáveis pelas primeiras e últimas impressões deixadas no gato e no cliente durante a visita à clínica. Uma sala de espera bem projetada com pessoal amigo dos gatos podem criar as condições para uma visita sem stress para o gato e uma experiência positiva para o dono. Cada clínica terá de definir quais as medidas práticas e viáveis na sua situação, mas a chave para criar uma área de espera verdadeiramente amiga dos gatos é ter em conta as necessidades dos gatos e planear depois cuidadosamente a melhor maneira de lhes dar resposta.

A sala de espera deve ter o tamanho suficiente e lugares sentados suficientes para acomodar a afluência da clínica, deve estar limpa e não ter um nível elevado de ruído e cheiros. O objetivo geral deverá ser o de criar:

- Um ambiente calmo e que não seja ameaçador para o gato esperar, de modo a que não esteja assustado quando chega ao consultório
- Uma atmosfera que dê garantias aos donos dos felinos de que se trata de uma organização com uma equipa que se preocupa com eles e com os gatos

Quando o gato entra pela primeira vez na clínica, vai tentar avaliar a segurança desse novo ambiente. A sala de espera deve ser projetada e utilizada por forma a minimizar as ameaças que os gatos poderão sentir (visuais, auditivas, olfativas, etc.). O ideal (na impossibilidade de ter uma clínica só para gatos) é separar por completo os gatos dos cães que vão à clínica, mas mesmo quando as instalações da clínica não são as ideais, com um planeamento cuidadoso, muita coisa pode ser feita pelos gatos. Coisas simples que podem ajudar:

- O espaço poderá permitir a criação de uma sala de espera completamente separada e dedicada exclusivamente a gatos.
- Separar fisicamente a sala de espera em duas áreas diferentes para cães e gatos caso não seja possível uma sala de espera em separado. Deverão ser utilizadas paredes ou barreiras adequadas para garantir que é evitado o contacto visual entre cães e gatos, e deverão ser tomadas medidas para evitar a presença de cães que ladrem ou ruidosos na sala de espera (p. ex. levar os cães ruidosos para esperarem no exterior).
- Para além de utilizar um meio de separar cães e gatos, também é necessário ponderar a localização e a dimensão dessa área, bem como o percurso para entrar e sair com os gatos. Os gatos deverão encontrar o mínimo de tráfego de humanos e animais enquanto estão na área de espera. O valor de uma área exclusiva para felinos fica altamente comprometido se os gatos tiverem de passar por uma área ruidosa ou ao pé de cães para entrarem no consultório. Uma

entrada separada da sala de espera dos gatos para o consultório evita qualquer encontro com cães.

- Uma medida alternativa, caso não seja possível dividir a sala de espera, é estabelecer a rotina de marcar as consultas de gatos em horários diferentes das consultas de cães. Isto significa que a sala de espera seria utilizada apenas por cães ou por gatos. Porém, é preciso ter em atenção à eventualidade de cães que precisem de ter alta da clínica enquanto os gatos estão na sala de espera, ou caso tenha de entrar um cão, e evitar o contacto direto.

Outras considerações importantes a ter com a área de espera felina incluem:

- Evitar localizar a receção numa área estreita, uma vez que isso promove o contacto entre cães e gatos quando os clientes estão ao balcão. Ter um balcão largo com um espaço amplo à frente minimiza esse risco
- Ter um balcão baixo ou uma prateleira larga no balcão, onde os clientes possam colocar as caixas de transporte acima da altura da cabeça da maioria dos cães, uma vez que os gatos se sentem mais vulneráveis no chão
- Evitar que eventuais ruídos dos consultórios cheguem à área de espera ou atenuá-los
- Afixar avisos claros a pedir aos clientes com cães para os manterem afastados das caixas de transporte dos gatos e reforçar essa medida pedindo aos donos dos cães para serem atenciosos com os gatos na área de espera
- Tentar garantir que clientes e gatos não ficam à espera durante períodos excessivos na sala de espera
- Algumas clínicas têm espaço suficiente para permitir que os donos dos gatos os levem diretamente para um consultório sem terem sequer de ficar na sala de espera. Além disso, caso haja conhecimento de que determinado gato fica muito stressado na sala de espera ou se algum gato ficar visivelmente stressado, tape a caixa de transporte com uma manta e consulte-o assim que possível
- O contacto visual direto com outros gatos também pode ser muito assustador e stressante, e uma área de espera para gatos pequena poderá obrigá-los a ficarem muito perto uns dos outros em momentos de maior afluência. As medidas que ajudam a ultrapassar estas situações incluem:

- Montar pequenas divisórias entre as cadeiras para separar os gatos
- Disponibilizar mantas ou toalhas limpas para tapar a caixa de transporte do gato e incentivar os donos a trazerem as suas próprias mantas/toalhas para o efeito. Deverá existir uma barreira visual entre as áreas de espera para cães e gatos mesmo quando as caixas de transporte estão tapadas
- Disponibilizar lugares elevados, como prateleiras, "árvores" ou cadeiras para colocar as caixas de transporte. Esses materiais deverão estar a aproximadamente 1 m acima do chão e ter divisórias para impedir o contacto visual entre gatos

Para além da configuração física e do uso da área de espera, outras medidas que ajudam a tranquilizar os clientes com gatos incluem:

- Rececionistas e enfermeiros que compreendem os gatos e podem dar bons conselhos básicos sobre questões dos felinos, incluindo cuidados gerais, alimentação, desparasitação, controlo das pulgas, castração, cuidados preventivos e outros, e encaminhar os donos para uma fonte fiável e relevante de informação, incluindo contactos locais relacionados com os gatos
- Provas de filiação em organizações profissionais relacionadas com os gatos (como a ISFM) e qualificações relacionadas com os felinos ou educação continuada que os membros do pessoal tenham realizado
- Montar expositores com as raças de gatos, fotografias de gatos de clientes, informações sobre clínicas internas, promoções, palestras ou eventos informativos sobre gatos, etc.
- Disponibilizar revistas e informações relevantes sobre gatos para os clientes lerem, podendo incluir informações sobre o transporte dos gatos nas deslocações à clínica, como medicar gatos, etc.

O consultório

O objetivo deverá ser o de proporcionar uma área de consulta segura, que não seja ameaçadora e onde os gatos possam ser examinados de forma calma e eficaz.

Deverá existir, no mínimo, um consultório dedicado, mas o número de consultório deverá ser suficiente para a afluência normal da clínica. O(s) consultório(s) deve(m):

- Estar limpos e higienizados e dispor de iluminação e ventilação adequada
- Ter espaço suficiente para o veterinário, o(s) cliente(s), o(s) gato(s) e um enfermeiro, sem ficar demasiado exíguo
- Poder ser fechado por completo por motivos de privacidade e segurança (para evitar que o gato fuja), de preferência com fechos na porta para garantir que ninguém pode entrar no consultório caso se esteja a lidar com um gato particularmente nervoso
- Ter um chão e uma mesa construídos com materiais que permitam uma limpeza e desinfeção completa. As superfícies para examinação em aço inoxidável são frias, ruidosas, refletivas e escorregadias, pelo que um tapete de borracha poderá ajudar a ultrapassar alguns destes problemas. Tampos aquecidos também podem ser confortáveis para o gato

Adicionalmente:

- Se existirem janelas para o exterior, é essencial que tenham dispositivos de segurança que impeçam a fuga de gatos (p. ex. não abrirem o suficiente para o gato fugir, ter uma jaula de segurança no exterior, etc.)
- Dentro da clínica, deverá haver uma sala onde os gatos possam ser examinados, que possa ser completamente escurecida (sem luz) para facilitar os exames oftálmicos e dermatológicos adequados

- Deverão existir instalações para lavar e desinfetar as mãos, para permitir a lavagem e a desinfeção das mãos e das superfícies entre cada paciente felino
- Garantir que "cheiros alarmantes" deixados pelos pacientes anteriores são eliminados limpando a mesa de consulta e permitindo uma boa ventilação
- Os objetos quebráveis ou perigosos deverão ser guardados em armários
- O consultório deverá estar projeto por forma a não existirem pequenos orifícios ou espaços onde o gato possa entrar facilmente, mas de onde seja difícil tirá-lo
- Sempre que possível, o uso de vaporizadores e difusores de feromona facial felina sintética poderá a ajudar a estimular uma atmosfera mais relaxada, apesar de esta não substituir nunca as boas técnicas de manuseamento

Equipamento do consultório

O equipamento essencial que deverá existir na área de consulta inclui:

- Estetoscópios adequados para uso em felinos (p. ex. estetoscópios com um pequeno diafragma)
- Um otoscópio com espéculos adequados para uso em felinos – devidamente limpo e desinfetado/esterilizado após a utilização em cada paciente
- Um oftalmoscópio
- Lanterna de diagnóstico e lupa
- Máquinas de tosquiar silenciosas

- Termómetro – os termómetros rápidos com ponta macia e flexível são ideais para os gatos e devem ser devidamente limpos, desinfetados e lubrificados após a utilização em cada paciente
- Um monitor de pressão arterial indireto (preferencialmente Doppler ou HDO, que são mais fiáveis em gatos conscientes)
- Um meio de visualizar radiografias (um visualizador ou um ecrã para radiografias digitais)
- Balanças eletrónicas precisas e devidamente calibradas adequadas para a pesagem de gatos. O peso de todos os gatos deverá ser monitorizado em cada consulta e é essencial pesar os gatos com rigor antes de administrar quaisquer drogas sedativas ou anestésicas.

Registos clínicos

A boa e eficaz manutenção de registos clínicos é essencial para todos os pacientes. Devem ser mantidos registos permanentes que detalhem todas as informações clínicas em formato escrito ou eletrónico e que devem estar prontamente acessíveis ao pessoal clínico.

O processo de consulta

O objetivo do processo de consulta deverá ser obter uma história completa, realizar um exame físico completo e considerar que ações ou exames adicionais poderão ser necessários em conjunto com o dono, enquanto se procura garantir que o gato permanece o mais possível sem stress.

Os princípios do manuseamento "amigo dos gatos" deverão ser respeitados em todos os momentos e deve ser dado tempo ao gato para se adaptar àquele ambiente desconhecido. Sugerimos que, para permitir a utilização de princípios "amigos dos gatos", sejam atribuídos, no mínimo, 10 minutos para consultas de rotina, muito embora atribuir mais tempo seja altamente útil.

Recolha do historial

O historial clínico deverá ser recolhido, na medida do possível, num formato normalizado. A utilização de um formulário para o historial clínico é uma forma extremamente útil de obter todos os dados normalizados para todos os pacientes.

- O historial clínico e/ou questionários de saúde (por exemplo, a inclusão do comportamento, mobilidade, terapia profilática de rotina e saúde geral) poderão ser entregues aos donos para estes preencherem, na medida do possível, antes de levarem o gato à clínica ou enquanto estão na sala de espera antes da consulta. O programa **Cat Care *for* Life** disponibiliza muitos recursos úteis, como questionários de saúde, ambiente ou mobilidade
- Um histórico completo deverá incluir ainda uma avaliação nutricional que avalie a dieta do gato, o estilo de vida, os hábitos alimentares, etc., para verificar se são recomendadas algumas alterações

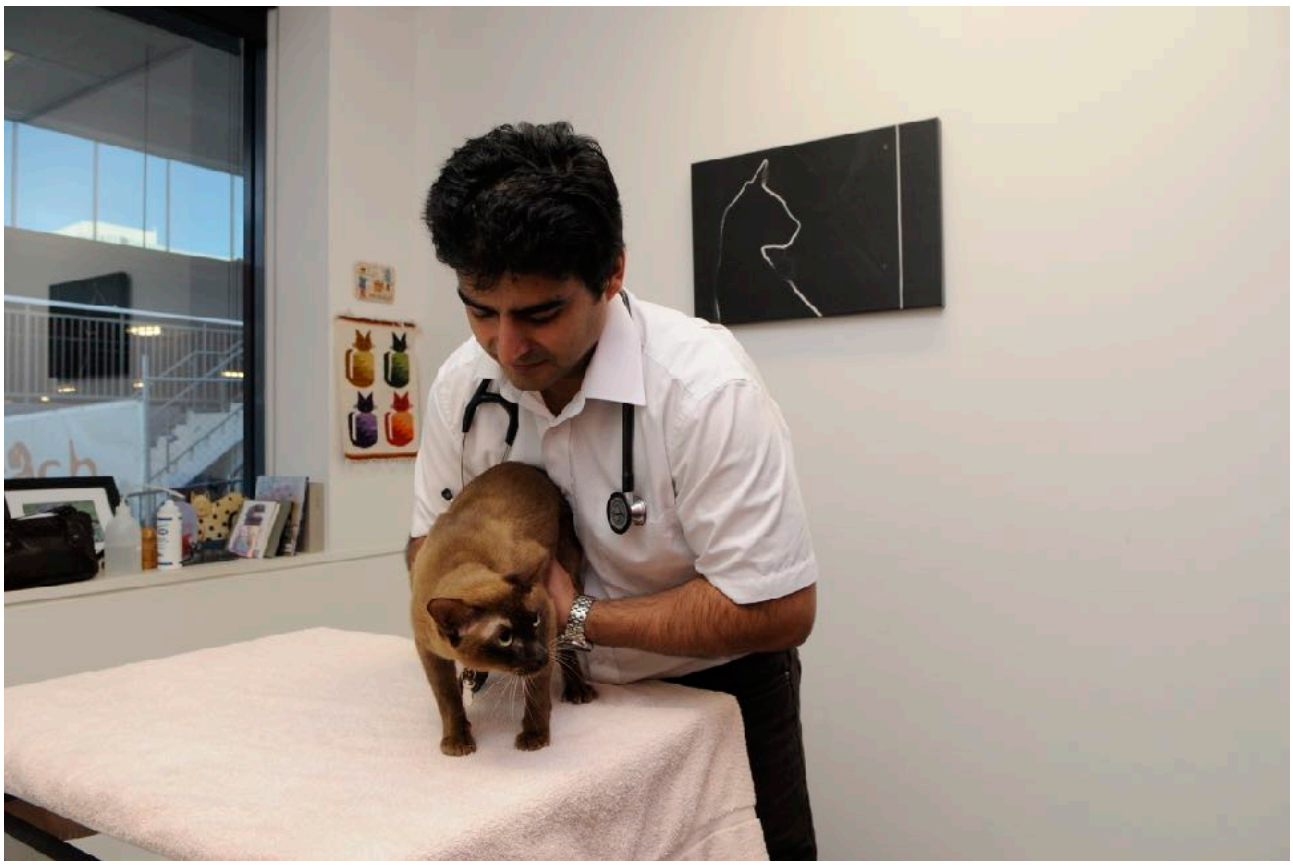
- Para ter uma perspetiva completa do estado de saúde do gato, é vital não desprezar o comportamento deste, o ambiente em que o gato vive e eventuais alterações a esse ambiente, para que seja possível identificar potenciais problemas numa fase inicial. É também importante recordar que muitos problemas médicos e comportamentais estão interligados (p. ex. obesidade, artrite, cistite idiopática e local inadequado para excreção)
- Assim que o gato atinge a idade adulta (< 7), o risco de osteoartrite aumenta consideravelmente. Muitos dos sinais de osteoartrite são subtis nos gatos e são habitualmente melhor avaliados por clientes em casa do que durante uma ida à clínica. A utilização de uma lista de verificação ou questionário é, por isso, importante para esses gatos
- Terão de ser feitas perguntas específicas relacionadas com a apresentação do problema clínico, mas isso não deve ser feito à custa de um histórico completo, exceto em situações de emergência

Exames físicos

Paciência, delicadeza e empatia são características vitais no consultório. Mesmo com o melhor ambiente e abordagem, alguns gatos continuam muito ansiosos e um exame físico completo poderá nem sempre ser possível à primeira tentativa. Esteja preparado para despender tempo adicional, marcar outra consulta ou hospitalizar o gato, se necessário. Uma vez mais, recorde-se de que a atitude e a abordagem adotada pelo pessoal no consultório poderá determinar se o cliente voltará ou não a trazer o gato à clínica. À semelhança da recolha do historial, a utilização de um formulário normalizado para exames físicos (e outros formulários para exames especiais, como exames dentários e neurológicos) será de grande utilidade.

Algumas sugestões úteis relativamente a exames físicos:

- Nunca apresse um exame a um gato. Algum tempo extra dará enormes frutos, sendo um exemplo clássico de "devagar se vai ao longe"
- Deixe sempre que seja o gato a sair da caixa de transporte por sua iniciativa Abra a caixa de transporte e coloque-a cuidadosamente em cima da mesa ou no chão (assim que as saídas do consultório estiverem fechadas), e deixe o gato sair (se possível) enquanto recolhe dados acerca do historial junto do dono
- Seja flexível e deixe o gato escolher – a chave é descobrir aquilo que deixa o gato mais relaxado e adapte o local, a posição e o modo como realiza o exame físico para se adaptar a cada gato. Alguns ficam mais felizes ao colo do dono, outros, no chão. Alguns preferem olhar pela janela, enquanto outros preferem para ficar sentados nas caixas de transporte ou até escondidos debaixo de uma manta. Tente adaptar-se àquilo que cada gato prefere, seja delicado e leve o tempo necessário. Fale calmamente e tente realizar a maioria do exame físico sem que o gato se aperceba de que não está simplesmente a fazer-lhe festas.
- Sentar o gato no chão poderá ajudar e facilitar o manuseamento. O mesmo se aplica a situações como exames neurológicos



- Alguns gatos preferem deitar-se, ao passo que outros preferem ficar de pé – tente fazer o mais que puder com o gato na sua posição preferida
- Aplique princípios "amigos dos gatos" e adote sempre o mínimo de imobilização necessário. Qualquer forma de imobilização evidente será um sinal de perigo para o gato
- Se for útil, divida o exame em partes mais curtas e, pelo meio, deixe o gato mudar de posição, olhar à volta, etc. Assim que o gato ficar inquieto, dê-lhe um tempo – nem que seja por breves instantes, para o acariciar ou deixar dar uma volta pelo consultório ou pela mesa
- Evite o contacto visual direto sempre que possível. Para ajudar, realize o máximo possível do exame com o gato de costas para si. Sempre que o contacto visual direto seja necessário, ajuda lançar um olhar rápido e descontraído piscando lentamente os olhos
- Evite ruídos fortes ou súbitos (incluindo campainhas e de saltos de sapatos) e luzes fortes, a menos que seja necessário para o exame. Esteja, além disso, consciente dos sons que utiliza – por exemplo, um "chiu" soa a um silvo para o gato e deverá ser evitado. Fale com o gato calmamente, lentamente e com um tom baixo e tranquilizante. Evite movimentos súbitos
- Tenha consciência de que os gatos mais velhos sofrem muitas vezes de osteoartrite, o que poderá tornar o manuseamento desconfortável ou doloroso
- Um gato hipertenso ou hipertireoidiano poderá sentir-se ansioso e exigir uma abordagem mais cautelosa

- Deixe os exames mais invasivos para o fim. Deixe a medição da temperatura do gato (sempre que necessário) e abrir-lhe a boca para o fim do exame se isso for causa provável de stress para o animal
- Dê ouvidos aos donos se o avisarem de que o gato costuma morder ou arranhar. Não espere que os donos segurem os gatos em segurança e lembre-se de que a segurança do dono é da sua responsabilidade enquanto está na clínica.
- Em casos excecionais, alguns gatos estão tão assustados que não é possível realizar um exame completo nem com o manuseamento mais paciente possível. Esta é uma situação rara, mas um manuseamento brusco em que o gato é fortemente imobilizado tem probabilidade de piorar muito a situação, causar um enorme stress e potencialmente dificultar futuros exames. Nesses casos, pondere se a imobilização química é adequada e, caso seja, procure obter a maior quantidade de informação possível (e recolher amostras, se necessário) enquanto o gato está sedado
- Certifique-se sempre que os donos sabem e percebem o que está a fazer enquanto examina o gato e aquilo que encontrou – normal ou não – para que consigam compreender e colaborar consigo para determinar o plano de tratamento/gestão certo para o seu gato

Pesar o gato

Deverão estar prontamente disponíveis balanças eletrónicas pediátricas ou específicas para felinos, idealmente colocadas em todos os consultórios. Ter balanças que permitam pesar o gato dentro da sua caixa poderá ser vantajoso em muitas situações (a caixa pode ser pesada vazia mais tarde, quando o gato estiver em segurança noutro local). Não se deve assumir que todos os gatos pesam o mesmo – o peso médio de um gato adulto pode variar bastante (tipicamente entre 3 kg e 6 kg), mas também aqui há exceções, e os gatos jovens e adultos podem pesar consideravelmente menos.

Gatos com doenças que possam estar associadas à perda de peso ou falta de apetite, bem como gatos com excesso de peso que seguem dietas restritivas, têm de ser monitorizados regularmente, dependendo do seu estado.

Os gatos hospitalizados deverão ser pesados diariamente e, mais uma vez, é vital a pesagem dos gatos antes da administração de determinados medicamentos (para garantir a dosagem correta, especialmente no caso de drogas como sedativos e anestésicos). Gatos saudáveis jovens e até à meia-idade deverão ser pesados em cada visita à clínica e, pelo menos, uma ou duas vezes por ano. A percentagem da alteração no peso deverá ser calculada em cada visita e as tendências registadas (p. ex. uma perda de peso de 0,3 kg num gato com 3,3 kg não parece muito elevada, mas os clientes poderão compreender melhor se virem que se trata de uma perda de 10% do peso corporal, eventualmente fazendo a equivalência para o corpo humano a partir do seu próprio peso). Gatos mais velhos (< 12), devem ser pesados pelo menos de seis em seis meses.

Hospitalização do paciente felino

O objetivo geral da hospitalização é manter o gato num ambiente seguro, limpo e tranquilo que conduza à recuperação e em que possa ser manuseado com o mínimo de stress para o gato e o pessoal.

Os gatos hospitalizados sentem-se frequentemente vulneráveis e stressados, demonstrando-o muitas vezes escondendo-se nas caixas de areia ou debaixo dos tecidos onde dormem.

Admissão de gatos no hospital

É de grande utilidade registar todas as informações possíveis antes de o gato ser admitido na clínica Entre as informações de grande valor, contam-se:

- Qual é a alimentação normal do gato, incluindo a quantidade e a frequência
- O tipo de areia e de caixa que o gato habitualmente usa
- Se o gato gosta de ser escovado (e com que frequência), acariciado ou de brincar
- Outras informações comportamentais relevantes

Ao admitir o gato, tenha igualmente em conta:

- Ter um ambiente previsível com "cheiros normais" é importante para o bem-estar do felino. Incentivar os donos a deixarem um objeto qualquer que tenha o cheiro de casa (p. ex. roupa, uma manta ou os tecidos para a cama que o gato costuma usar). Sempre que necessário, explique poderá não ser possível devolver esses objetos, mas dê a entender aos clientes os benefícios que isso trará
- Não deixe gatos recém-admitidos à espera no chão em locais expostos ou movimentados, perto de cães ou frente a frente com outros gatos
- Se o gato não puder ser transferido de imediato para um canil, tape a caixa e certifique-se de que está numa posição elevada, tranquila e segura

Configuração da enfermaria para gatos

Ter uma enfermaria exclusivamente dedicada à hospitalização de felinos é, sem dúvida, absolutamente essencial para uma clínica completamente amiga dos gatos. A diferença que isso traz para os níveis de stress e conforto dos gatos hospitalizados é enorme. Porém, a localização, as dimensões e a configuração são igualmente vitais para o sucesso de uma enfermaria exclusiva para gatos, para além de ter em conta as dimensões das jaulas.

Se possível, a enfermaria deverá ser suficientemente grande para dispor de um conjunto de balanças eletrónicas adequadas à pesagem de gatos, por forma a permitir a monitorização diária dos pacientes internados sem ter de os retirar da enfermaria. Os gatos hospitalizados deverão ser vistos regularmente, e os donos devem ser informados (preferencialmente por escrito) do nível de cuidados disponibilizados durante a noite (e fora de horas) aos gatos hospitalizados.

Enfermaria exclusiva para gatos

Estar por cima ou ao lado de cães a ladrar não ajuda um paciente felino a relaxar! É muito preferível ter um local completamente separado para pacientes caninos e felinos. A enfermaria para gatos deverá, portanto, estar fisicamente separada da enfermaria para cães com paredes sólidas e deverá poder ser completamente fechada por questões de segurança.

A enfermaria deverá ser calma e silenciosa e estar afastada de fontes de ruído (p. ex. máquinas de lavar, etc.). Deverá dispor de um comando de iluminação, ventilação e temperatura adequada para os pacientes felinos

Enfermaria partilhada

Numa pequena clínica, se os cães e os gatos tiverem de ficar obrigatoriamente juntos, a utilização de feromona canina sintética poderá ajudar a reconfortar os cães hospitalizados, o que terá um efeito secundário benéfico para os gatos. Se for viável, organize um calendário que permita a admissão das diferentes espécies para operações de rotina e exames em horas/dias diferentes. O ruído dos cães, outros gatos, equipamento ou instrumentos metálicos que produzem ruído deverão ser evitados o mais possível dentro da enfermaria. Se houver um gato barulhento na

clínica, deverá idealmente estar separado para que os outros gatos não o consigam ouvir. Da mesma forma, as realizar procedimentos ou exames, os outros gatos não devem ver ou ouvir essas atividades.

Localização da enfermaria e visibilidade dos gatos

A enfermaria deve ficar num local de fácil acesso e que não obrigue a levar o gato por áreas movimentadas e ruidosas para lá chegar. No entanto, tem de ficar suficientemente perto de outras áreas para garantir que os gatos são observados com frequência e não esquecidos. Coloque os gatos o mais afastados possível de portas de entrada, lavatórios de aço inoxidável, telefones e outras áreas movimentadas e ruidosas. Gatos tímidos, assustados ou muito doentes necessitam geralmente de mais silêncio, mas a observação tem de continuar a ser simples de fazer. A utilização cuidadosa de painéis de vidro nas portas e divisórias, ou ter mesmo uma parede de vidro, poderá melhorar substancialmente a capacidade de observar os gatos com facilidade sem ser intrusivo.

Tamanho da enfermaria, temperatura e ventilação

O tamanho da enfermaria é importante, independentemente do número de jaulas que aí se encontram. A sala tem de ser suficientemente larga para tirar e pôr os gatos nas jaulas sem terem de ficar diretamente em frente a outro paciente. Se a enfermaria não ficar próxima de uma sala onde são realizados procedimentos, poderá necessitar de ter espaço para uma mesa onde os gatos possam ser examinados, mais uma vez, sem terem de ficar diretamente em frente a outros pacientes hospitalizados.

Tem de haver espaço para o pessoal trabalhar e observar os gatos sem ter de ficar muito próximo das jaulas. A temperatura da enfermaria deverá ser controlada (aquecida ou arrefecida) para criar uma temperatura ambiente entre 18 a 23 °C. Uma ventilação adequada também é importante e a humidade relativa deverá ser mantida perto dos 35 por cento.

Jaulas, configuração e tamanho das jaulas

Deverá existir um número suficiente de jaulas na enfermaria (e com o tamanho suficiente) para o volume de trabalho normal da clínica. Deverão ser construídas com um material sólido e impermeável para facilitar a limpeza e a desinfeção e serem à prova de fuga. O fundo em que o gato fica **tem** de ser sólido.

- Normalmente é, utilizado aço inoxidável, mas pode retirar o calor do gato, ser bastante ruidoso e os reflexos podem causar stress em alguns gatos. As jaulas de fibra de vidro brancas proporcionam maior conforto aos gatos, são mais silenciosas e quentes e, se tiverem um bom acabamento, são igualmente fáceis de limpar.
- A frente da jaula deverá ser fácil de limpar, permitir uma boa observação e evitar a fuga ou ferimentos. Uma porta de vidro reforçado permite uma ótima visibilidade, reduz o risco de propagação de infeções por via aérea e as hipóteses de o paciente meter as patas para fora das grades e abrir a porta ou ferir-se.

- Se for usada rede na parte frontal, tenha em atenção o tamanho da rede – se for demasiado fechada poderá reduzir a visibilidade, mas se for demasiado aberta, gatinhos pequenos poderão conseguir meter a cabeça de fora. Poderão ser necessárias redes com tamanhos de rede diferentes.
- Batentes de borracha ou plástico nas portas das jaulas metálicas poderão ser muito úteis para reduzir o ruído ao fechar as portas.

A posição e a disposição das jaulas é importante:

- A posição das jaulas deverá evitar o contacto visual direto entre pacientes e o risco de disseminação de partículas de aerossóis infeciosas. Idealmente, as jaulas não deverão ser contíguas (p. ex. estar num ângulo de 90°) e não devem estar viradas de frente umas para as outras
- Se as jaulas estiverem viradas umas para as outras (diretamente ou em ângulo), deverá existir um espaço mínimo de 2 m entre as partes mais próximas das jaulas e/ou deverá existir uma barreira opaca (p. ex. uma cortina) entre elas
- Se o espaço permitir, ter uma jaula móvel poderá dar flexibilidade na hospitalização de alguns pacientes que podem ficar demasiado stressados numa enfermaria geral
- Idealmente, as jaulas mais baixas deverão estar a uma altura segura para o pessoal (cerca de 90 a 100 cm acima do nível do chão) para o gato ficar completamente visível e poder ser retirado com facilidade
- Se existirem duas filas de jaulas, o nível mais baixo deverá ser elevado do chão pelo menos 20 cm. Os gatos preferem não estar ao nível do chão
- As jaulas que são demasiado altas ou demasiado fundas também podem impedir uma boa observação e representam um risco de segurança para o pessoal, uma vez que é muito mais difícil (e mais stressante) retirar o gato do fundo da jaula, e também são mais difíceis de limpar devidamente

Equipar a jaula

É frequente os gatos hospitalizados sentirem-se vulneráveis e stressados. Muitas vezes, pequenas mudanças podem tornar a jaula de hospitalização muito mais aceitável.

- Os gatos gostam de estar em posição elevada e costumam preferir deitar-se numa prateleira ou saliência no interior da jaula. Uma prateleira pode ser muito útil para gatos hospitalizados por mais de 24 horas. Algumas jaulas têm prateleiras incorporadas que são excelentes para estadias mais prolongadas, mas mesmo uma caixa de cartão descartável virada ao contrário onde o gato possa estar dentro ou em cima é útil. Se a jaula tiver o tamanho suficiente, colocar a caixa de transporte do gato (aberta ou sem o fundo) no interior da jaula é outra alternativa.
- A enfermaria poderá dispor de uma mistura de jaulas de vários tamanhos para estadias prolongadas e curtas. Uma jaula mais pequena poderá ser aceitável para pacientes que ficam durante o dia, mas deverá haver, no mínimo, o espaço adequado para uma caixa de areia, cama e tigelas separadas para água e

comida. Muitos dos doentes que ficam durante o dia são admitidos para procedimentos simples, como castração ou dentários e, apesar de poderem não ficar muito tempo na jaula, tem de haver o espaço adequado para se esticarem completamente com o pescoço esticado para permitir uma recuperação segura da anestesia. Os gatos que ficam hospitalizados durante mais de 24 horas deverão dispor de um espaço maior que lhes permita alguma liberdade de movimentos.

- A ISFM sugere as seguintes **dimensões mínimas** para jaulas de gatos (largura x profundidade x altura em cm):
  - Estadias durante o dia ou até 24 horas: 3600 cm^2 área de chão (p. ex. 60x60) x 55 cm
  - Estadias superiores a 24 horas: 6300 cm^2 área de chão (p. ex. 90x70) x 55 cm (mínimo)
- Deverão ser utilizados tecidos de cama quentes, higiénicos e macios para todos os pacientes felinos, por forma a proporcionar ao gato uma superfície macia. Poderão ser utilizadas toalhas e mantas, mas estas absorvem a humidade, pelo que terão de ser mudadas rapidamente se ficarem sujas. Não basta usar jornais velhos! Deverá haver tecido de cama para cobrir o fundo da jaula, especialmente se as jaulas forem de aço inoxidável.

- Muitos gatos gostam de se esconder quando estão hospitalizados, pelo que é útil dar-lhes materiais que lhes permitam sentirem-se seguros e parcialmente escondidos sem necessidade de se esconderem debaixo dos tecidos da cama. Há muitas maneiras de criar esconderijos, como uma caixa de cartão descartável, camas comerciais "tipo iglu" ou sacos-cama.
- Se for utilizada uma toalha para imobilizar o paciente, é útil mantê-la dentro da jaula para ficar com o cheiro do gato. Tecidos de cama ou roupas do dono poderão ajudar a tranquilizar o gato com um cheiro familiar.
- A jaula deverá ser suficientemente grande para acomodar uma caixa de areia de tamanho razoável, e a clínica deverá ter vários tipos de caixas de areia disponíveis para acomodar as necessidades individuais de cada gato. Há gatos que preferem a privacidade e poderão preferir uma caixa de areia tapada ou colocada dentro de uma caixa de cartão virada ao contrário.
- Deverá haver areia não absorvente (p. ex. grânulos não absorventes comerciais ou areão de aquário limpo) e ser utilizada para facilitar a recolha de amostras de urina "de recolha livre", sempre que necessário.
- Manter a temperatura corporal poderá ser crucial para alguns pacientes, e deverá existir equipamento para tal. Aquecimento por baixo do fundo das jaulas poderá ser o ideal, mas almofadas de aquecimento com tecidos por cima (com cuidado para não queimar os gatos que não se conseguem mexer) também funciona. Camas almofadadas e almofadas de trigo para aquecer no micro-ondas são úteis, mas é preciso ter cuidado para não ficarem demasiado quentes (e causarem queimaduras). Botijas de água quente são uma alternativa, mas recorde-se de que, se as deixarem arrefecer, vão retirar calor do gato.
- As tigelas de comida, de água e as caixas de areia deverão ficar o mais afastadas umas das outras possível no interior da jaula. Ajuda se colocar a caixa de areia num canto e as tigelas de comida e água em cantos diagonalmente opostos. Se for possível, o ideal é separar também a comida da água.
- As tigelas de comida e água devem ser pouco fundas (para evitar que os bigodes do gato raspem nos lados quando come/bebe) e não devem ser de plástico (pois podem apanhar cheiros). O ideal serão pratos cerâmicos.
- Deverão existir brinquedos descartáveis ou devidamente limpos/desinfetados nas jaulas de gatos que ficam hospitalizados mais de 24 horas e que gostem de brincar (especialmente gatos jovens e gatinhos).
- Em determinadas situações, quando um gato está a ficar com stress na clínica e já existem outras medidas na jaula, tapar (ou tapar parcialmente) a parte da frente da jaula com uma toalha ou uma manta poderá ajudar a reduzir o stress. Se for essa a opção, é importante tomar medidas adicionais para garantir que o gato é visto adequadamente, o que raramente (ou nunca) é adequado para pacientes que exigem uma monitorização intensiva. Continua a ser necessário criar esconderijos **dentro** da jaula.

Os gatos hospitalizados deverão ser vistos regularmente, e os donos devem ser informados (preferencialmente por escrito) do nível de cuidados disponibilizados durante a noite (e fora de horas) aos gatos hospitalizados.

Considerações adicionais acerca da enfermaria para gatos

- A enfermaria para gatos deverá dispor de instalações para lavar e desinfetar as mãos.
- A área de internamento da clínica deverá dispor de instalações para lavar e desinfetar as tigelas e caixas de areia. Deverão existir instalações separadas para lavar/desinfetar as caixas de areia.
- A área de armazenamento e preparação de alimentos deverá estar separada das instalações de lavagem e desinfeção utilizadas para as tigelas de comida e água e as caixas de areia, etc. Isto é importante para evitar a contaminação cruzada por agentes infeciosos.
- Deverá estar disponível uma variedade de alimentos adequados a gatos, com a capacidade de cozinhar ou preparar alimentos frescos e armazenamento refrigerado adequado.
- Para transporte dentro da clínica, deverá ser atribuída uma caixa de transporte individual a cada gato. Pode ser a própria caixa do dono ou uma caixa da clínica, mas nunca deverá ser usada para outro gato sem ter sido cuidadosamente limpa e desinfetada.

Identificação e monitorização dos gatos internados

- Todos os gatos deverão ser positivamente identificados durante a hospitalização na clínica, por exemplo, através de coleiras descartáveis, e com jaulas e caixas devidamente identificadas.
- Todos os gatos hospitalizados deverão ter fichas de internamento diárias (tabelas) detalhadas com registos por horas. Essas fichas deverão incluir o registo de avaliações da dor, do comportamento e do stress. Esses registos deverão incluir, entre outros:
  - Sinais vitais (incluindo o peso)
  - Tratamentos
  - Comida e água (quando foi oferecida, quantidade ingerida)
  - Defecação (hora, quantidade, carácter de qualidade)
  - Micção
  - Sinais clínicos
  - Comportamento e postura
  - Avaliação da dor
  - Avaliação do stress
  - Fluidoterapia IV, etc.
- Deverá haver instruções claras do veterinário sobre a frequência com que vários parâmetros terão de ser monitorizados e tratamentos realizados (para além da dose e da via).
- Poderá ser necessária uma tabela de tratamento em separado, especialmente para gatos que necessitem de várias terapias.
- Os gatos hospitalizados deverão ser vistos regularmente, e os donos devem ser informados (preferencialmente por escrito) do nível de cuidados disponibilizados durante a noite (e fora de horas) aos gatos hospitalizados.
- Deverá idealmente ser registado um mínimo de exames diários para cada paciente internado por um veterinário qualificado ao longo de todo o período de hospitalização.

Equipamento adicional para gatos hospitalizados

- Deverá existir equipamento para o fornecimento de oxigénio suplementar aos gatos hospitalizados.
- Deverão existir instalações para dar banho, secar e escovar os gatos hospitalizados.
- Deverão existir vários tipos de fluidos intravenosos (incluindo coloides e cristaloides) juntamente com cateteres e conjuntos de perfusão de tamanho adequado para gatos. Os gatos ficam facilmente desidratados, pelo que a administração de fluidos intravenosos nunca deve ser recusada. No entanto, é

necessário ter cuidado para evitar a sobrecarga de fluidos, especialmente em gatos com função cardíaca comprometida ou doença renal aguda. Deverá existir a capacidade de controlar o volume de fluido administrado, idealmente através da utilização de bombas de perfusão ou bombas de seringa ou, potencialmente, através de limitadores de volume como, por exemplo, buretas. As bombas de seringa ou bombas de perfusão também podem ser utilizadas para uma taxa de infusão constante de medicamentos.

- Cateteres venosos longos, para casos de internamentos prolongados, aplicados em veias safenas ou jugulares podem ser úteis para manter o acesso a uma linha intravenosa sempre que seja necessário utilizar por períodos prolongados.

Controlo de doenças infeciosas e de instalações de isolamento

As doenças infeciosas e contagiosas são comuns nos gatos e, quando sob stress, são mais propensos a libertar agentes infeciosos.

- Devem existir protocolos de limpeza e desinfeção adequados para salas, jaulas, tecidos de cama e equipamentos que assegurem a minimização do risco contaminação cruzada.
- A enfermaria para gatos deve ser diariamente limpa e desinfetada – para os gatos internados por períodos de tempo mais prolongados, é útil sentirem cheiros familiares ao seu redor – por exemplo, se os tecidos de cama não estiverem sujos, deixe-os ficar na jaula com o gato.
- As jaulas dos gatos devem ser cuidadosamente limpas e desinfetadas entre pacientes, sem esquecer as barras nas portas de aço inoxidável.
- As tigelas de comida e de água devem ser limpas e desinfetadas entre cada utilização.
- Os equipamentos (balanças, termómetros, otoscópios, tampos de mesa, etc.) devem ser cuidadosamente limpos e desinfetados entre pacientes.
- As caixas de transporte e os tecidos de cama devem ser cuidadosamente limpos e desinfetados entre pacientes.
- Os desinfetantes devem ser escolhidos por serem apropriados para utilização na presença de gatos (por exemplo, não fenólicos).
- Deve existir uma enfermaria de isolamento separada para isolar ou tratar gatos com doenças infeciosas ou doenças zoonóticas. Essa enfermaria deverá ser independente para evitar a contaminação cruzada do resto da clínica, preferivelmente dispondo de uma entrada separada. As instalações exigirão cuidados intensivos e deverão estar próximas de outras instalações para ser possível monitorizar rigorosamente os gatos. Bastarão uma ou duas jaulas numa pequena sala com uma porta de vidro que permita uma boa visibilidade.

- A sala de isolamento deverá idealmente dispor de instalações para lavagem e desinfeção no seu interior, e os equipamentos e utensílios de limpeza deverão manter-se dentro da sala de isolamento.
- Deverá ser colocada uma bacia com um desinfetante adequado no exterior da sala de isolamento e deverá ser usado vestuário de proteção adequado, como batas ou fatos descartáveis, luvas, máscaras e coberturas para os sapatos.
- Idealmente, deverá ser utilizado um sistema de ventilação ativo (pressão negativa) na sala de isolamento.
- Deverão ser implementados rigorosos protocolos de higiene, que todo o pessoal deverá cumprir. O número de funcionários que entra na sala de isolamento deverá ser estritamente limitado e, idealmente, deverá ser designada uma pessoa para cuidar dos pacientes em isolamento para garantir que estes recebem cuidados suficientes.
- Caso não existam instalações de isolamento dedicadas, poderá ser colocada uma jaula portátil numa área separada (com as medidas de desinfeção adequadas), sempre que necessário.

Alimentação do paciente hospitalizado

Os gatos hospitalizados e doentes apresentam probabilidades de desenvolver anorexia devido à dor, ao stress, à náusea ou desidratação, e a subnutrição poderá contribuir significativamente para a morbilidade e mortalidade.

- Os gatos devem ser pesados diariamente e as classificações do estado corporal e muscular devem ser avaliadas pelo menos três vezes por semana.
- Calcule as necessidades calóricas de cada gato e monitorize a ingestão de alimento.
- Sempre que possível, sirva como primeira(s) escolha(s) ao gato o que ele come habitualmente em casa.
- Para os gatos hospitalizados, a comida deve ser nutritiva e saborosa – as dietas ricas em proteína e ricas em gordura (ver a gama de alimentos Royal Canin) tendem a ser mais saborosas, tal como a comida húmida (em lata ou saqueta) aquecida à temperatura ambiente.
- Avalie todos os gatos inapetentes para despistar doenças sistémicas, dores, desidratação e náusea, e trate-os adequadamente antes de introduzir alimentos para evitar o desenvolvimento de aversão à comida.
- Reduza os fatores de stress ambientais (p. ex. cães, ruído, cheiros).
- Certifique-se de que a comida é colocada afastada da caixa de areia e, se possível, também da água.
- Estimule os gatos para começarem a comer dando-lhes à boca pequenas quantidades de alimentos altamente saborosos. Fique algum tempo com o gato incentivando-o a comer.

- Ofereça pequenas refeições frequentes, retirando a tigela de comida entre elas (p. ex. após uma hora).
- Dê duas opções de comida – mais opções tornam-se excessivas – ou tente com outra comida mais tarde.
- Ofereça também ração seca, uma vez que alguns gatos preferem-na.
- Se a manipulação alimentar não resultar, poderá experimentar estimulantes do apetite (por exemplo, ciproeptadina ou mirtazapina) sempre que tal seja adequado.
- Evite a alimentação com seringa, uma vez que poderá induzir ou exacerbar a aversão à comida e causar pneumonia por inalação.
- A alimentação enteral assistida (por tubo) deverá ser uma opção a considerar seriamente em pacientes que continuam inapetentes ou mantêm uma ingestão pobre em calorias persistente por um período superior a 3 a 5 dias, e em gatos com anorexia há 3 ou mais dias.
- A alimentação por sonda nasoesofágica é muito útil para o apoio nutricional de curto prazo utilizando dietas líquidas especialmente formuladas. Porém, os tubos de esofagostomia ou gastrostomia são úteis para o apoio mais prolongado e permitem a utilização de um leque de dietas mais alargado, incluindo dietas misturadas).

Sala de operações e anestesia

Deverá existir uma sala de operações dedicada reservada a procedimentos cirúrgicos estéreis. Idealmente, os gatos deverão ser anestesiados e tosquiados para a cirurgia numa sala separada.

A sala de operações deverá:

- Ter superfícies e uma mesa de operações fáceis de limpar e desinfetar
- Ter apenas equipamento para procedimentos cirúrgicos (± radiografia) – ou seja, não deverá ser utilizada para guardar outros equipamentos/materiais
- Dispor de boa iluminação com luz(es) para iluminar o sítio cirúrgico
- Ter instalações para "lavagem" separadas de eventuais instalações de lavagem de mãos de enfermarias e idealmente fora da sala de operações
- Dispor de meios para visualizar radiografias
- Não ser utilizada para outros fins que não procedimentos cirúrgicos estéreis

Deverá existir equipamento adequado para induzir e manter uma anestesia em segurança num leque de vários pacientes felinos (incluindo gatinhos e gatos com várias doenças), e é da responsabilidade do veterinário para garantir que os riscos da anestesia são minimizados utilizando agentes anestésicos e analgésicos adequados. O equipamento adequado deverá incluir:

- Equipamento para administra oxigénio
- Equipamento para fazer ressuscitação
- Uma variedade de tubos endotraqueais com o tamanho adequado, com e sem braçadeiras. Os tubos sem braçadeiras são preferíveis para evitar lesões traqueais, a menos que o procedimento envolva um risco elevado de aspiração (como na odontologia)
- Os tubos endotraqueais de silicone são preferíveis aos tubos de "borracha vermelha", pois são menos irritantes para a laringe
- Um laringoscópio de tamanho adequado a gatos e anestesia local adequada para anestesiar a laringe antes da intubação
- Um vaporizador com compensação de temperatura caso sejam utilizados anestésicos voláteis
- São necessários circuitos anestésicos adequados a gatos caso sejam utilizados anestésicos inaláveis – por exemplo, um circuito com uma união em T e uma variedade de máscaras faciais de tamanho para gatos
- A capacidade de aquecer os pacientes para manter a temperatura corporal – as mantas de ar quente (p. ex. Bair Huggers™, www.arizant.com) são excelentes para o efeito. Almofadas para aquecer no micro-ondas (p. ex. as almofadas para aquecer no micro-ondas Snugglesafe™ são uma alternativa mais barata
- Garantir o aquecimento adequado dos fluidos IV, sempre que necessário

- É essencial a monitorização rigorosa dos parâmetros vitais por um funcionário com formação quando os gatos estão anestesiados e deverão ser normalmente utilizadas e preenchidas tabelas anestésicas. Os dados deverão incluir:
  - Data, pessoal envolvido, procedimento, duração
  - Dados do paciente (identificação, peso)
  - Drogas de indução e manutenção e respetivas doses
- Registo regular dos sinais vitais em tabelas anestésicas que deverão incluir
  - Temperatura
  - Frequência respiratória
  - Frequência cardíaca – medida com um estetoscópio, estetoscópio esofágico ou ECG
  - Qualidade e frequência do pulso periférico
  - Oximetria de pulso (com uma sonda de tamanho adequado a gatos)
  - Tensão arterial – apesar de as máquinas oscilométricas serem adequadas para gatos anestesiados, não dão resultados precisos em gatos conscientes. As máquinas Doppler ou HDO dão precisas e adequadas tanto a gatos conscientes como anestesiados. A largura das braçadeiras deve ser de aproximadamente 30 por cento da circunferência do membro, tipicamente cerca de 2,5 cm na maioria dos gatos adultos
  - Idealmente capnografia
  - Eventuais complicações

Deverá ser feita a monitorização adequada do gato na fase de recobro pós-anestésico por um elemento do pessoal com a devida formação.

Equipamento cirúrgico

Deverá existir equipamento cirúrgico para o leque de procedimentos realizados na clínica, o qual deverá incluir o equipamento necessário para procedimentos de urgência.

Deverão existir instalações de esterilização adequadas para garantir Além disso, deverão estar disponíveis e ser devidamente usadas luvas e batas estéreis.

O equipamento deverá ter manutenção adequada e deverão ser efetuados controlos de qualidade periódicos para verificar a precisão.

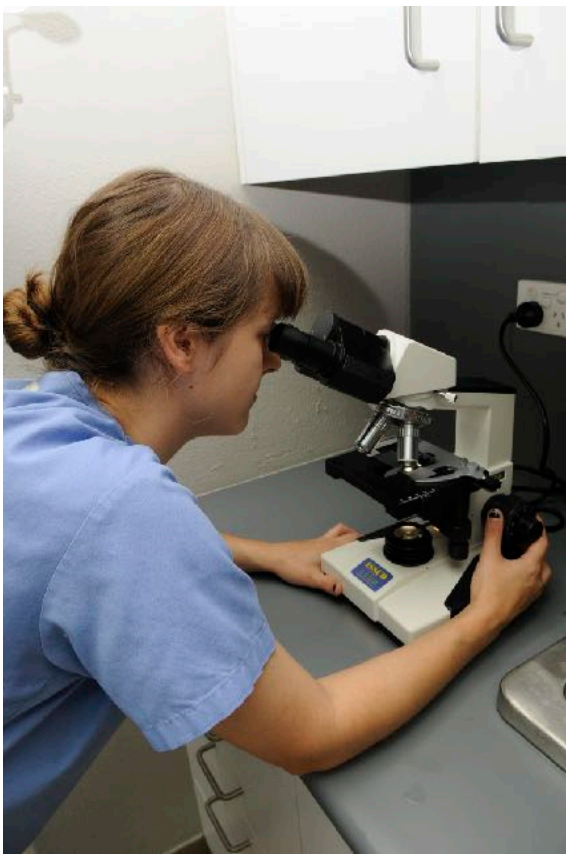
Muitos gatos sofrem de doenças dentárias e é essencial que exista equipamento odontológico adequado, com a devida manutenção, para que os procedimentos possam ser realizados com um nível elevado. Os bons cuidados odontológicos deverão incluir:

- Boa educação do cliente para que este reconheça a importância dos cuidados dentários e orais
- Um exame oral rigoroso incluído em todos os exames físicos
- Um exame dentário completo sob anestesia por indicação (por exemplo, quando são identificadas anormalidades durante uma avaliação de rotina com o animal consciente)
- Instalações para fazer radiografias odontológicas (idealmente, deverá incluir radiografias intra-orais de exposição direta)
- Deverão ser mantidos registos e tabelas odontológicos adequados

Os utensílios odontológicos deverão incluir:

- Uma seleção de raspadores de tártaro, sondas periodontais, elevadores e/ou luxadores, por exemplo:
  - Elevador superfino
  - Elevador Couplands n.º 1
  - Fórceps de extração padrão 76N
- Os instrumentos deverão estar afiados e ter manutenção adequada.
- O equipamento de proteção para procedimentos odontológicos deverá incluir batas, máscaras, óculos e luvas descartáveis.
- Deverá existir equipamento para remover mecanicamente placa, polir e cortar dentes e para realizar extrações e deverá estar disponível água para arrefecimento no sítio operatório. Recomenda-se a existência de equipamento odontológico a ar comprimido.
- Recomendam-se brocas para turbina esféricas pequenas n.º 1 ou 2.

- Todo o equipamento odontológico deverá ser devidamente limpo e desinfetado/ esterilizado entre utilizações em pacientes diferentes para evitar a transmissão de doenças infeciosas.



Imagiologia de diagnóstico

Uma clínica para gatos devidamente equipada deverá incluir a capacidade de realizar radiografias com qualidade para diagnóstico, pois é essencial para várias emergências em felinos. Para evitar a exposição desnecessária de seres humanos à radiação, deverão existir vários apoios e barreiras para facilitar o posicionamento de gatos sedados ou anestesiados.

Deverão ser conservados registos cuidadosos de todas as radiografias, e estas deverão estar etiquetadas de modo inviolável. Idealmente, deverá existir equipamento de ultrassons na clínica ou ser feitos acordos para permitir a pronta realização de ultrassons em gatos que deles necessitem.

Instalações laboratoriais

Para a adequada monitorização dos gatos, deverão estar sempre disponíveis na clínica determinados equipamentos básicos de laboratório, como:

- Um microscópio clínico
- A capacidade de preparar esfregaços de sangue e esfregaços de fluidos/ impressão de tecidos
- Uma centrifugadora para avaliar o HCT, recolher soro/plasma sanguíneo e realizar análises a sedimentos urinários
- Equipamento para medir a concentração de glucose no sangue
- Equipamento para medir a concentração de ureia no sangue
- Equipamento para medir a gravidade específica do soro/plasma sanguíneo (ou seja, um refratómetro adequado)
- Equipamento para realizar análises químicas à urina básicas (p. ex. tiras urinárias)

O equipamento deverá ter manutenção adequada e deverão ser efetuados controlos de qualidade periódicos para verificar a precisão.

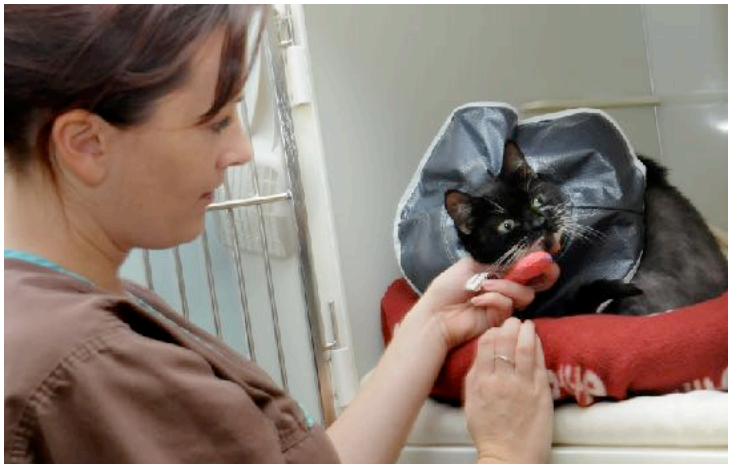
Idealmente, deverá estar disponível um leque mais alargado de exames na clínica, mas terão de ser feitos acordos com laboratórios externos para realizar pelo menos

alguns exames. Sempre que forem realizados exames no laboratório "interno", é importante:

- Compreender as limitações de qualquer equipamento utilizado
- Garantir que o equipamento tem manutenção adequada e está devidamente calibrado
- Realizar controlos de qualidade
- Ter pessoal com formação adequada para garantir o rigor dos resultados

Produtos medicinais

A disponibilidade de produtos licenciados para felinos varia muito consoante o país. É importante que cada clínica tenha em armazém uma variedade de produtos adequados conforme as instruções do fabricante e que os medicamentos estão devidamente etiquetados. A regulamentação legal aplicável terá de ser cumprida, mas poderá ser necessário utilizar algumas drogas que não estão especificamente licenciadas para utilização em gatos. No caso em que seja necessário utilizar tais drogas, é prudente obter sempre o consentimento informado dos clientes.



Recomenda-se que as clínicas tenham acesso a um serviço de informação veterinária de boa qualidade relativamente à gestão de casos de envenenamento em gatos. Um bom exemplo é o Veterinary Poisons Information Service (www.vpisuk.co.uk), cujos serviços estão disponíveis a nível internacional.

Criar uma clínica amiga dos gatos

Muito poucas das ideias aqui descritas são caras; muitas delas têm mais a ver com a abordagem, a organização e a atitude do que com materiais ou edifícios. Muitas destas pequenas coisas podem fazer uma grande diferença. Eis alguns dos comentários de Cat Friendly Clinics sobre essa diferença:

> *"Sermos amigos dos gatos incentivou novos clientes a aderirem à nossa clínica só por saberem que fazemos um esforço adicional pelos nossos pacientes felinos".*
>
> *"Somos um grande centro de referência e envolveram-se funcionários de todas as áreas da clínica na tarefa de tornar a clínica amiga dos gatos. Os efeitos têm sido duradouros, com todo o nosso pessoal bem consciente do impacto da ansiedade de lidar com os nossos pacientes felinos e a procurar constantemente novas maneiras de ajudar a reduzir o stress deles".*
>
> *"Introduzimos um parque para gatos, áreas de espera separadas para gatos e cães e um canil separado para gatos. Estamos todos muito orgulhosos por sermos uma clínica amiga dos gatos, e isso ajudou-nos a utilizar a filosofia em todos os aspetos da clínica, como a forma como lidamos com os gatos nos consultórios e ao imobilizá-los para realizar os procedimentos. Na nossa clínica, os gatos estão sem dúvida mais relaxados e felizes por aqui estarem desde que fizemos as mudanças".*
>
> *"Sendo uma Cat Friendly Clinic empenhada, recebemos constantemente opiniões de donos que estão impressionados com o nosso conhecimento e a compreensão que temos para com as necessidades especiais dos gatos. Estamos a descobrir que os nossos pacientes hospitalizados estão mais calmos, mais fáceis de tratar e mais integrados após a recuperação. Também foi possível realizar mais medições da tensão arterial aos nossos pacientes mais velhos, com resultados muito mais precisos".*
>
> *"Sermos amigos dos gatos teve um impacto muito positivo sobre a nossa clínica tanto na perspetiva do cliente como do pessoal, em termos de reconhecimento dos diferentes requisitos em matéria de cuidados e enfermagem da espécie felina. Os padrões dos nossos cuidados estão agora consistentemente mais elevados, pois todos "pensamos como um gato". Também pusemos em prática várias ideias quando projetamos as nossas novas instalações".*
>
> *"Muitos dos nossos clientes e os respetivos gatos retiraram benefícios de sermos uma Cat Friendly Clinic. Vários clientes acolhem bem as consultas exclusivas para gatos que são agendadas semanalmente. Os animais de estimação dessas pessoas são mais calmos e a ida à clínica é muito menos stressante tanto para o dono como para o(s) gato(s). A nossa ala para gatos completamente separada, com iluminação atenuada e difusores Feliway ajuda a criar um ambiente mais calmo para os nossos pacientes hospitalizados. Dispomos de esconderijos e brinquedos nos canis".*

Este Guia para Criar uma Cat Friendly Clinic foi produzido pela International Society of Feline Medicine e tem por base os padrões da ISFM para o bem-estar felino numa clínica veterinária.

A ISFM (International Society of Feline Medicine) é a divisão veterinária da instituição de beneficência International Cat Care - www.icatcare.org